UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Lerissa Kunzler

DE UM SIMPLES HOBBIT A HERÓI: A TRAJETÓRIA DE FRODO EM *A SOCIEDADE DO ANEL*

Passo Fundo

2016

Lerissa Kunzler

DE UM SIMPLES HOBBIT A HERÓI: A TRAJETÓRIA DE FRODO EM *A SOCIEDADE DO ANEL*

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras Habilitação Português–Inglês e respectivas literaturas, sob a orientação da Profª Drª Fabiane Verardi Burlamaque.

Passo Fundo

2016

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada: *De um simples hobbit a herói: a trajetória de Frodo em A sociedade do* anel, tem como objetivo analisar a aventura de Frodo e sua gradativa transformação em herói no primeiro volume da trilogia *O senhor dos anéis*. A pesquisa é baseada nos pressupostos teóricos de Joseph Campbell e Vladimir Propp acerca do herói e de sua aventura e realiza, a partir disso, uma análise da obra e da personagem em específico, evidenciando o fato de que o herói, por mais diverso que poderia ser, é sempre o mesmo em sua essência, vivendo sempre a mesma aventura, nas formas mais diversas. Também se evidencia que, sozinho, o herói nada consegue e que, no caso de Frodo, é a amizade que o fortalece e lhe permite transformar-se em herói.

Palavras chave: O senhor dos anéis. A sociedade do anel. Trajetória do herói. O herói e sua aventura.

ABSTRACT

This research, entitled: *From a simple hobbit to a hero: the course of Frodo in The fellowship of the ring*, is aimed at analysing the adventure of Frodo and his transformation in hero in the first book of the trilogy *The lord of the rings*. The research is based on the theories of Joseph Campbell and Vladimir Propp about the hero and his adventure and makes, based on that, an analysis of the book and the character, specifically, showing the fact that the hero, for the most different he could be, is always the same in his essence, living always the same adventure, in the most different ways. This research also shows that alone, the hero can do nothing and, in the case of Frodo, it is the friendship that makes him strong and lets him turn into a hero.

Key words: The lord of the rings. The fellowship of the ring. The course of the hero. The hero and his adventure.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO ……5
2. A AVENTURA E O HERÓI ……..7
3. A AVENTURA EM *A SOCIEDADE DO ANEL* ……..12
4. DE UM SIMPLES HOBBIT A HERÓI: A PERSONAGEM FRODO ….……..34
4.1. A AMIZADE E SEU PAPEL NA NARRATIVA ……52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ……..59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ……61
ANEXO……62

1 INTRODUÇÃO

A questão do herói, tanto na literatura quanto em toda a história da humanidade, sempre esteve presente. O herói exerceu e continua exercendo grande fascinação sobre as pessoas. Os heróis e heroínas fazem parte da vida do ser humano desde que este se dá por gente, influenciando-os das maneiras mais diversas, incentivando, inspirando, despertando emoções. Independentemente da fase em que o indivíduo se encontre as histórias de fantasia com seus heróis maravilhosos estão sempre presentes de algum modo e continuam se reconstruindo sem parar. O herói, porém, por mais diferente que possa ser, sempre se assemelha a muitos outros heróis que já existiram ou que ainda virão a existir e o mesmo ocorre com sua aventura que sempre parece ser única, mas que acaba não sendo muito diferente de outras aventuras já existentes.

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica e descritiva que, a partir da leitura da obra *A sociedade do anel*, primeiro volume que integra a trilogia de *O senhor dos anéis*, do autor britânico John Ronald Reuel Tolkien, analisará a questão da trajetória do herói Frodo. *O senhor dos anéis* é uma trilogia épica que narra as aventuras dos seres que viviam na Terra Média na época da Guerra do Anel, em que diversos povos livres tinham de lutar contra as forças do mal que tentavam dominá-los e escravizá-los.

Esta análise parte do pressuposto de que Frodo, o herói principal da obra a ser analisada, ao ser encarregado de uma missão essencial a toda a Terra Média, sofre uma metamorfose de um simples hobbit[1], que vivia tranquilo em sua terra natal, a um notável herói, que acaba desempenhando um papel fundamental para a vida de todos aqueles seres. Além da análise da aventura de Frodo, pretende-se investigar as etapas evolutivas pelas quais a personagem passa no decorrer de sua missão. Levando-se em consideração também o fato de que a amizade está presente em toda a obra, ilustrada das mais diversas formas, pretende-se também explorar a forma como a amizade sustenta a evolução da personagem Frodo.

Com base nisso, o presente trabalho toma por base os pressupostos de Joseph Campbell e Vladimir Propp, teóricos que estudaram diversos textos épicos e narrativos, dentre estes também os contos maravilhosos, buscando encontrar raízes comuns na construção dessas histórias, desvendando a questão da semelhança existente entre muitas narrativas e perfis de heróis. Propp constrói uma estrutura morfológica da aventura do herói, enquanto Campbell desenvolve um arquétipo do próprio herói, segundo os quais

---

[1] Os povos característicos da Terra Média serão detalhados mais adiante.

todas as aventuras e heróis maravilhosos se encaixam e, como se verá, com Frodo e sua aventura não é diferente.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a trajetória da personagem Frodo em sua aventura e a sua gradativa transformação em herói. Além de demonstrar a evolução pessoal de Frodo, também se pretende mostrar a importância que a amizade exerce na trajetória da personagem. Levando-se em conta o fato de que os heróis estão sempre presentes na vida das pessoas e exercem sobre elas influências diretas ou indiretas e que, ao acompanhar a aventura de um herói ou heroína, o leitor embarca na história e se deixa levar pelos acontecimentos, muitas vezes enxergando a si mesmo naquele herói, tal é a influência que este exerce, a escolha da presente temática para esta pesquisa justifica-se justamente no fascínio que exercem os heróis literários, desde tempos remotos até os dias de hoje.

Este trabalho se divide em três capítulos. O primeiro, intitulado "A aventura do herói" traz os pressupostos teóricos de Campbell e Propp, ressaltando alguns pontos que serão utilizados na análise da obra *A sociedade do anel*. Esta análise será desenvolvida no segundo capítulo, "A aventura em *A sociedade do anel*", no qual se analisará a aventura presente na obra, com base na teoria de Propp e Campbell. O terceiro capítulo, intitulado "De um simples hobbit a herói: a personagem Frodo", traz uma análise mais detalhada da personagem Frodo e de sua evolução no decorrer da aventura, utilizando como base os pressupostos de Campbell e o que se encontra na narrativa. Este último capítulo também traz um subtítulo, "A amizade e o seu papel na narrativa", que traz uma análise de como a amizade é essencial para a trajetória de Frodo.

2 A AVENTURA E O HERÓI

Em *O herói de mil faces*, Joseph Campbell (1904-1987), uma das maiores autoridades no assunto quando se trata de mitologia comparada, discute a mitologia em sua função primordial: gerar histórias que, por vezes, são transmitidas de geração em geração. Muitas das histórias, quando lidas ou contadas, geram no leitor ou ouvinte a sensação de já tê-las ouvido alguma vez e é justamente o cerne desse mistério que Campbell procura desvendar, encontrando uma raiz comum nos mais diferentes mitos, histórias e lendas existentes.

Em toda sua obra, Campbell trata sobre histórias e mitos e como todos eles dialogam entre si. Segundo ele, não interessa quando, onde ou de que maneira, é sempre com a mesma história que um indivíduo se depara, pois embora esta possa mudar de forma, mesmo assim permanece sempre constante.

Os mitos são a origem das manifestações culturais, a raiz e a inspiração de qualquer atividade humana. Estes se manifestam de modo diverso, estando presentes tanto em pequenos contos de fadas, que tocam e inspiram o mais profundo do ser, quanto em grandes histórias épicas, que marcam gerações. Segundo Campbell, cada uma dessas histórias teria uma raiz comum e embora possuísse características diversas seria, no fundo, a mesma em sua essência.

Sendo assim, a aventura pode prometer ser ímpar, única, imprevisível e cheia de perigos, mas no fim será exatamente a mesma que outras pessoas enfrentam em outros locais no mundo. A partir disso, Campbell cria uma espécie de arquétipo do herói e de sua aventura, ilustrando os elementos que marcam a semelhança presente nos mais variados perfis dos heróis mitológicos e no percurso que estes traçam em suas aventuras.

O herói por definição, segundo o autor, seria alguém que vai para além de si mesmo, alguém que é capaz de se afastar do pequeno ponto de vista pessoal, familiar ou social e ver as coisas num todo, enxergando a realidade como ela de fato é e agindo sobre isso. É importante notar também a distinção que Campbell apresenta entre o herói do conto de fadas e o herói do mito. O primeiro, segundo o autor, seria um herói microcósmico e seu ato de heroísmo alcança apenas o espaço doméstico, enquanto que este último é um herói universal e seus feitos repercutem em toda a sociedade ou mundo onde vivem. Essa definição é relevante, a fim de que ambos não sejam confundidos e erroneamente misturados.

Em sua obra, Campbell apresenta e especifica uma série de elementos comuns às

narrativas épicas, construindo uma espécie de arquétipo da aventura do herói e de seu perfil. Campbell divide essa aventura em duas partes, sendo elas: “A aventura do herói” e “O ciclo cosmogônico”. A primeira parte traz presentes três estágios fundamentais do início do percurso do herói em sua aventura, sendo estes: a separação ou partida do herói, as provas e vitórias da iniciação e o retorno e reintegração. Embora a obra como um todo traga contribuições importantes, será este primeiro estágio em específico, que trata da etapa inicial da aventura, que será utilizado para fundamentar a análise da trajetória da personagem Frodo, já que esta também se limitará apenas ao primeiro volume da trilogia *O senhor dos anéis*, não tratando da trilogia como um todo.

Sendo assim, o primeiro estágio trata justamente da separação do herói do mundo ou da realidade em que vivia e a partida para a aventura. De acordo com as etapas descritas por Campbell, o herói recebe, de alguma forma, o chamado para participar da aventura e pode, por vezes, recusar esse chamado. Mas quando sua resposta é afirmativa, o herói ainda recebe um auxílio sobrenatural que lhe ajudará em sua aventura e esse auxílio pode vir de diversos modos. É então que ocorre a passagem do herói pelo primeiro limiar, que é quando o herói deixa seu antigo mundo para atrás e parte, efetivamente, para a aventura que lhe espera. E a última etapa deste estágio consiste no “ventre da baleia”, que seria, de uma forma geral, uma metamorfose pela qual passa o herói quando deixa seu mundo para trás.

De acordo com a teoria de Campbell, o chamado da aventura gera a necessidade de uma passagem, além de causar uma mudança sobre o herói. O herói deve, então, deixar para trás o mundo e a realidade em que vivia, partindo assim para a aventura que lhe é designada. Esse primeiro passo na direção do inexplorado é tremendamente difícil, pois implica uma total mudança de vida por parte do herói. Uma vez que partiu para a aventura, mesmo que volte, o herói jamais será o mesmo e muitas vezes o que antes era tudo acaba se tornando nada, o que possui sentido perde a graça e aquilo que antes era insignificante, acaba adquirindo uma importância crucial.

Segundo Campbell e sua teoria mitológica, essas etapas e características estão presentes em todas as histórias de aventura, não importando a época ou o local onde foram escritas. Por mais que os detalhes e características possam ser diferentes e variar completamente de história para história, a essência é sempre a mesma e constantemente se repete. Todos os estágios e etapas apresentados, detalhados e exemplificados por Campbell em sua obra caracterizam um perfil estático em sua essência do herói e de suas ações na aventura, consistindo em um modelo segundo o qual todas as histórias mitológicas

existentes se relacionam.

O trabalho de Campbell em relação à mitologia é fundamental, pois se pode perceber que as histórias e mitos de todas as épocas, lugares e culturas existentes em todos os cantos do mundo possuem uma estreita relação entre si. Assim, surge o modelo do herói e de sua aventura, o arquétipo dos mitos, que, embora possua mil faces diferentes, é, em suma, sempre o mesmo.

Neste cenário, Vladimir Propp (1895 – 1970), estruturalista russo autor da obra *Morfologia do conto*, publicada no ano de 1983, também é um autor importante. Propp estudou um grande número de contos populares russos, detendo-se especificamente na estrutura da narrativa dos contos maravilhosos, e, baseado nisso, elaborou uma espécie de estrutura morfológica, segundo a qual todos os contos maravilhosos podem ser analisados. Segundo o teórico, as ações das personagens recebem o nome de funções, sendo definidas de acordo com o significado que estas ações possuem no desenrolar da história, e são estas as unidades narrativas mínimas que um conto pode possuir. De acordo com ele, uma personagem pode, no entanto, exercer diversas funções no desenrolar da intriga, assim como uma mesma função pode ser exercida por diferentes personagens.

A partir de sua análise sobre os contos maravilhosos russos, Propp descobriu que existem até 31 funções diferentes que podem ser encontradas na narrativa e cada uma destas é apresentada, detalhada e exemplificada em sua obra. Embora nem todos os contos possam possuir todas as funções, a ordem destas não se altera, possui uma sequência fixa, com exceção dos casos em que ocorre o fenômeno de inversão de alguma função na narrativa. Propp afirma que a definição de uma estrutura morfológica de acordo com o assunto dos contos seria inviável devido à grande variabilidade existente, mas segundo as funções das personagens do conto maravilhoso esta seria tão possível e precisa como na morfologia das plantas, por exemplo.

As funções que Propp apresenta em sua obra *Morfologia do conto* são as unidades finais que servem de análise de uma narrativa de caráter fantástico. Estas já não podem mais ser decompostas, são indivisíveis. Antes de partir para as funções em específico, Propp traz uma série de afirmações importantes. Segundo ele, "as funções são extremamente pouco numerosas, enquanto as personagens são extremamente numerosas." (1983, p.59) Além disso, a sucessão das funções é sempre idêntica, ou seja, a ordem delas não se altera. É justamente o fato das funções pouco variarem enquanto que as personagens variam ilimitavelmente e também essa uniformidade dos contos que traz o que Propp define como o "duplo aspecto do conto maravilhoso"(1983, p.59), pois de um lado se

encontra todo o fantástico do conto, seus elementos únicos e inovadores, enquanto que no outro o conto possui uma uniformidade que coincide com a estrutura de tantos outros contos. Esse é o ponto central da teoria de Propp.

Logo, pode-se notar que as funções são os elementos mais importantes do conto, em torno dos quais toda a narrativa se organiza e por meio dos quais toda a trama se desenrola. As funções se juntam, se entrelaçam e se transformam em uma narrativa. É a partir delas que Propp elaborou a estrutura morfológica que serve de base para a análise dos contos maravilhosos.

Além das 31 funções que um conto maravilhoso pode possuir, Propp também afirma que todo conto possui uma situação inicial, ou seja, a própria abertura da história, o cenário inicial a partir do qual a narrativa irá se desenvolver e também a partir do qual a sequência de funções poderá ser desenvolvida. É após este elemento que seguem-se as funções. Há também uma série de elementos auxiliares, dos quais Propp também trata em sua obra, que permitem a interligação das funções.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que cada função recebe um símbolo, um sinal que remete àquela função em específico. A partir disso, Propp abre a possibilidade da criação de uma codificação da estrutura de um determinado conto maravilhoso, uma sequência a partir das funções nele presentes, que poderá ser comparada com a de outros contos. Sendo assim, uma vez que dois "códigos" são semelhantes, é porque a narrativa dos dois contos em questão também se assemelha. Além disso, os contos também podem ser classificados de acordo com quadros, cada qual referindo-se a uma parte da narrativa.

Enquanto que Campbell apresenta um perfil estático do próprio herói e dos caminhos traçados em sua aventura, Propp compõe uma estrutura das funções presentes em determinada aventura de um conto maravilhoso, condizendo com a estrutura do conto como um todo e não apenas em relação ao percurso do herói, podendo, assim, conter determinadas funções que dizem respeito a outras personagens, por exemplo. Desse modo, os dois autores não divergem, apenas encaram de forma diferente – e de certa forma complementar – a figura do herói e de sua aventura.

Propp, assim como Campbell, também parte do princípio de que as histórias em geral se assemelham, não importando o local onde foram criadas ou quais são as suas personagens. Este é o ponto central, em que ambos os autores concordam plenamente. Embora a aventura possa mudar em seus aspectos gerais de uma história para outra, em suas características específicas ela é sempre a mesma e se assemelha dos modos mais diversos.

Considerando-se o que foi explanado e a semelhança, de que os dois autores tratam, existente entre as mais diversas histórias, mitos ou contos, ambas as obras citadas anteriormente, *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell e *Morfologia do conto*, de Vladimir Propp, fundamentam e abrem espaço para a análise da personagem Frodo em *A sociedade do anel*, do autor britânico JRR Tolkien.

3 A AVENTURA EM *A SOCIEDADE DO ANEL*

O senhor dos anéis é uma trilogia de fantasia criada pelo professor, filólogo e escritor britânico John Ronald Reuel Tolkien (1892 – 1973) e composta pelas seguintes obras: *A sociedade do anel*, *As duas torres* e *O retorno do rei*. Todos os três volumes narram os acontecimentos da história da Guerra do Anel, que se passa toda em um espaço fictício: a Terra Média. Esta monografia tratará, em específico, do primeiro volume da trilogia, *A sociedade do anel,* que traz presentes os acontecimentos iniciais da aventura e que darão origem, nos volumes seguintes, à grande guerra, até se findar, no terceiro volume, no desfecho crucial do destino de todos aqueles seres, destino no qual a personagem cuja trajetória será aqui analisada possui um papel importante.

Segundo o próprio JRR Tolkien, no prefácio de *A sociedade do anel*, a composição de *O senhor dos anéis* se deu entre os anos de 1936 e 1949. Tolkien criou, de fato, uma verdadeira obra-prima, em diferentes aspectos, pois não só desenvolveu todo um universo fictício, com seres e personagens dos mais bizarros aos mais geniais, mas também criou verdadeiros universos linguísticos, com idiomas completamente novos e completos, como os idiomas élficos, por exemplo, ou a língua dos orcs, o que certamente se deve ao fato de que o autor também foi um filólogo destacável.

Além disso, a obra possui uma série de povos diferenciados, como os elfos, os anões, os homens, os orcs e os hobbits – estes últimos serão especificados adiante. Muitas de suas personagens são inspiradas na mitologia, como na mitologia nórdica, por exemplo, mas também há algumas personagens que são completamente originais e que não aparecem em nenhuma outra história, sendo uma invenção do próprio autor, como os hobbits e os ents, sendo que estes últimos não aparecem neste volume da trilogia. Mas não apenas todos esses diversos povos existem na obra, como também possuem todo um contexto histórico, há toda uma história que os precede e que cria as motivações para o que está acontecendo ou irá acontecer no decorrer da narrativa. Tudo isto foi feito para dar veracidade à obra, pois conforme afirma o próprio Tolkien em seu ensaio *Sobre contos de fadas* (2013, p.14), mesmo que uma obra seja ficcional, ela deve se apresentar ao leitor como verdade, deve ser possível de ocorrer e fazer sentido dentro daquele mundo da imaginação. Tolkien, inclusive, compôs outras obras que tratam de um período anterior ao da Guerra do Anel, como *O Silmarillion*, obra que trata de toda a criação da Terra Média, e *O hobbit*, obra que antecede a aventura de *O senhor dos anéis*, apenas para citar as mais conhecidas.

Pode-se perceber, então, que a obra traz realmente todo um novo universo, em que

tudo se encaixa, e repleto de especificidades, novos caminhos e possibilidades de análise. Aqui se escolheu, dentre tantas possibilidades, analisar a aventura toda pelo viés de uma personagem em específico: o jovem hobbit Frodo, que, como se verá mais adiante, desempenha um papel essencial para o futuro da Terra Média e também passa por toda uma metamorfose, uma transformação pessoal muito interessante.

Elfos, hobbits, orcs… É útil que, para os desconhecedores das especificidades do universo criado por Tolkien, algumas definições sejam dadas para uma melhor compreensão do que aqui será tratado. Conforme mencionado anteriormente, há uma série de povos diferentes na obra, cada qual com suas próprias características. Os homens, no caso os próprios seres humanos, condizem exatamente com uma versão mais primitiva da sociedade atual, num tempo em que ainda existiam reinos, espadas, cavaleiros. Os homens em geral, mesmo sendo fisicamente fortes, são tidos como seres fracos e que não possuem forte resistência às tentações. Os anões dizem respeito aos povos de altura reduzida e bastante rústicos, que geralmente moram nas montanhas e nelas executam profundas escavações, criando, muitas vezes, verdadeiros reinos subterrâneos. Já os elfos, por sua vez, são povos mais eruditos, tidos como sábios, puros e belos. São um povo que está em extinção na Terra Média, são poucos os que ainda restam, pois a maior parte deste belo povo está em migração para além da Terra Média. Os orcs, de forma geral, são uma raça maléfica que serve aos desígnios de Sauron, o Senhor do Escuro, que é o grande vilão da história. Em tempos muito remotos, os orcs já foram elfos, mas destruíram a si mesmos, convertendo-se em servos do mal, por assim dizer. Há também os magos, que são sábios a serviço do bem-estar e que deveriam, de uma forma geral, guiar os povos da Terra Média e orientá-los. Os magos são poucos, mas também desempenham um papel fundamental na aventura.

Figura 1: Imagem dos hobbits.[2]

[2] Imagem retirada do filme *A Sociedade do Anel*, lançado em 2001, com base no livro. Para mais informações, consultar referências.

Os hobbits, por desempenharem um papel importante na história e pelo fato de Frodo, a personagem a ser analisada, ser um hobbit, merecem uma definição em termos mais específicos. De acordo com o próprio Tolkien no prefácio do primeiro volume da trilogia *O senhor dos anéis*,

> os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranqüilidade e uma boa terra lavrada. […] São um povo pequeno, menores que os anões. […] Quanto aos hobbits do Condado[3], enfocados nesses contos, nos tempos de paz e prosperidade eram um povo alegre. Vestiam-se com cores vivas, gostando notadamente de verde e amarelo, mas raramente usavam sapatos, uma vez que seus pés tinham solas grossas como couro. […] Em geral, seus rostos eram mais simpáticos que bonitos; largos, com olhos brilhantes, bochechas vermelhas e bocas prontas para rir e para comer e beber. E assim eles riam, comiam e bebiam, freqüentemente e com entusiasmo, gostando de brincadeiras a qualquer hora, e também de seis refeições por dia (quando podiam tê-las). Eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes, que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto. (2000, p. XII)

Pode-se notar, a partir disso, que os hobbits são um povo alegre e bem peculiar, diferente de todos os outros. Eles vivem em tocas, numa terra chamada de Condado e são um povo festivo que adora comemorações e mesas fartas. Outro ponto importante e essencial para a aventura é o de que os hobbits são um povo fechado e que normalmente não se importa com o que acontece no mundo fora do Condado. Assim, eles também não recebem uma atenção especial dos outros povos, muitos outros povos até mesmo desconhecem a existência dos hobbits.

Em resumo, a trilogia de *O senhor dos anéis* vai contar as peripécias da Guerra do Anel, como já mencionado. Na obra de *O hobbit,* aventura antecedente a de *O senhor dos anéis*, o hobbit Bilbo acaba partindo para uma aventura e encontrando por acaso, no decorrer desta, um anel de poder, o Um Anel. Os anéis de poder existiam na Terra Média para que os líderes daqueles seres pudessem guiá-los e governá-los sempre pelo melhor caminho. Mas todos eles foram enganados na criação dos anéis, pois um outro anel foi criado em segredo, o Um Anel, que servia para comandar a todos os outros. Assim, eles não eram mais como iguais, pois havia um anel que era superior a todos os outros, aquele que fora forjado na Fenda da Perdição, na Terra de Mordor.

> Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu,
> Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
> Nove para os Homens Mortais, fadados ao eterno sono,
> Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
> Na Terra de Mordor[4] onde as sombras se deitam.

---

[3] O Condado era a terra habitada pelos hobbits na Terra Média.

[4] Mordor era a região da Terra Média onde Sauron, o Senhor do Escuro, possuía seu reino e sua fortaleza.

> Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,
> Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
> Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam. (2000, p. 52[5])

Aconteceu, porém, que este Um Anel pertencente a Sauron, o Senhor do Escuro, foi perdido e por muitas eras ninguém mais ouviu falar dele, depois que Sauron havia sido derrotado. Até o dia em que foi encontrado novamente pelo hobbit Bilbo, que o levou consigo para o Condado. Porém, Sauron, o Senhor do Escuro, estava recobrando suas forças e toda sua atenção estava voltada à recuperação do Um Anel, com o qual ele poderia crescer em todo seu poder e dominar outra vez todas as criaturas livres da Terra Média e escravizá-las.

É neste ponto que se chega ao contexto em que a aventura de *A sociedade do anel* tem seu início, como será melhor especificado mais adiante. Bilbo está velho e cansado e acaba partindo para visitar os elfos, deixando tudo – incluindo o Um Anel – para Frodo. Mas os tempos de escuridão estão voltando e Frodo terá que partir sem tardar, a fim de escapar dos servos do Senhor do Escuro, que virão em busca do Anel.

Conforme especificado no capítulo anterior, em *O herói de mil faces*, Campbell cria um arquétipo do herói e de sua aventura. Dos três estágios fundamentais do início da trajetória da aventura do herói, será o primeiro, que trata da separação ou partida do herói, que será utilizado aqui para analisar a trajetória do hobbit Frodo – já que, em suma, o primeiro livro da trilogia também trata desta etapa. Esse primeiro estágio da aventura, definido por Campbell, é composto das cinco partes citadas abaixo e cada uma delas será especificada e relacionada à aventura de Frodo. Todas elas, com a exceção da segunda que por vezes não ocorre, estão sempre presentes na aventura de qualquer herói épico:

1. O chamado da aventura.
2. A recusa ao chamado.
3. O auxílio sobrenatural.
4. A passagem pelo primeiro limiar.
5. O ventre da baleia.

Segundo Campbell, há vários meios pelos quais a aventura pode começar e um deles é um erro. “Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. […]

---

[5] Todas as citações da obra *A sociedade do anel* presentes neste trabalho são retiradas da mesma edição, sendo esta a 2ª edição da obra, publicada pela editora Martins Fontes em 2000. Da mesma forma, todas as citações de Propp são retiradas da obra *Morfologia do conto*, de 2000, 2ª edição e as de Campbell da obra *O herói de mil faces*, de 2007.

O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino." (2007, p.60). Este erro está presente na aventura de Frodo, mas não foi cometido por ele. Ele acontece ainda na aventura de Bilbo, narrada em *O hobbit*, quando Bilbo encontra, aparentemente por acaso, o Um Anel. Esse é o erro que desencadeia toda a narrativa de *O senhor dos* anéis, é esse o acontecimento que origina toda a história. Sendo assim, embora a Guerra do Anel como um todo não tenha sido resultado desse erro, a aventura de Frodo teve aí a sua origem, pois, se Bilbo não tivesse encontrado o Anel, Frodo provavelmente nunca teria feito parte dos acontecimentos da Guerra do Anel.

Diferente de Campbell, que trata dos acontecimentos da aventura de uma forma mais geral, Vladimir Propp aborda a aventura do herói em todos os seus aspectos mais específicos, criando, assim, toda uma estrutura a partir da qual os contos maravilhosos podem ser analisados. É importante ressaltar alguns pontos que o autor traz em sua obra *Morfologia do conto*. Segundo ele, o conto maravilhoso é, do ponto de vista morfológico,

> qualquer desenrolar de acção que parte de uma malfeitoria ou de uma falta (α) e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento (W) ou em outras funções utilizadas como desfecho. […] Chamamos a este desenrolar de acção uma sequência. Cada nova malfeitoria ou prejuízo, cada nova falta dá lugar a uma nova sequência. (1983, p.144)

Sendo assim, a sequência diz respeito a uma série de ações consecutivas, mas que não compõem a história toda. Conto é uma narrativa completa que pode se constituir de várias sequências. *O senhor dos anéis*, por exemplo, por conta de toda a dimensão da história possui várias sequências, pois acompanha uma série de personagens. Neste primeiro volume da trilogia, porém, a aventura acompanha apenas os passos de Frodo e daqueles que estão com ele, sendo assim, aqui se encontra apenas uma sequência, embora nela muitos elementos estejam duplicados ou até triplicados.

Conforme já dito, Propp traça uma estrutura de acordo com as funções das personagens, ou seja, as ações das personagens na história, que são as partes fundamentais do conto, os elementos que os constituem. A ação de determinada personagem não pode, porém, ser analisada fora do contexto em que ocorre na história, pois todas as funções possuem um elo entre si e por vezes podem também estar entrelaçadas.

Propp também define conto maravilhoso como "uma narração construída segundo a sucessão regular das funções citadas nas suas diferentes formas, não existindo umas em algumas narrações e repetindo-se outras noutras." (1983, p.153) Sendo assim, embora normalmente as funções ocorram segundo a ordem natural, por vezes podem ocorrer

alguns fenômenos, como a inversão de funções – quando duas funções trocam de lugar – ou, como acontece em *A sociedade do anel*, algumas funções podem aparecer duplicadas, triplicadas, ou até quadruplicadas, fato que geralmente ocorre em narrativas maiores.

Mesmo assim, pode-se observar que, mesmo que por vezes as funções estejam invertidas ou duplicadas, por exemplo, elas ainda são as mesmas funções, ou seja, não surgem novas funções, além daquelas que Propp definiu. Dessa forma, comprova-se novamente a afirmação de Propp de que "os novos contos nunca são mais que combinações ou modificações de contos antigos." (1983, p.170). Como se verá no decorrer deste capítulo, a narrativa de *A sociedade do anel* não foge à regra e se encaixa perfeitamente na estrutura morfológica proposta pelo estruturalista russo.

De acordo com a teoria de Propp, antes da aventura ter o seu desenrolar por meio das funções, há o elemento da **situação inicial (α)**. Diferente do erro – definido por Campbell – que é o que gera a aventura, a situação inicial é o cenário a partir do qual a história começa a se desenvolver. Ou seja, é aquilo que está acontecendo na história quando ela começa, o cenário a partir do qual se sucederão os acontecimentos iniciais da aventura.

Em *A sociedade do anel*, o cenário inicial é o aniversário de 111 anos de Bilbo, ou como ele prefere dizer, seu "onzentésimo primeiro" aniversário. Também é o aniversário de 33 anos de Frodo, idade que, para os hobbits, indica o início da maioridade. Assim, Bilbo organiza uma estrondosa festa, bem ao costume dos hobbits, e convida todo o Condado. É nessa festa que ele faz uma das suas "surpresinhas" para o povo do Condado e surpreende-os com uma novidade: ele está partindo! E, assim que anuncia a novidade, Bilbo desaparece – utilizando o Anel – e assim vai calmamente até sua toca, recolhe suas coisas, despede-se de Gandalf e parte, desejando ver os elfos novamente. Aqui tem-se a primeira função apontada por Propp: **o afastamento dos pais (ß)**. Aqui vale pontuar o fato de que Frodo é órfão de pai e mãe e Bilbo é o seu parente mais próximo, seu primo em segundo grau, embora ele seja considerado sobrinho de Bilbo. Frodo também vivia com Bilbo e este o havia escolhido como seu herdeiro, então Bilbo era o responsável por Frodo, o que este teria como mais próximo de um pai.

Logo em seguida, após conversar seriamente com Frodo, o mago Gandalf parte também. Mas antes de sua partida, encontra-se outra função importante: a **interdição (γ)**. Esta consiste em uma recomendação ou, como neste caso, em uma série de ordens explícitas de algo que não deveria ser feito. Em *A sociedade do anel* essa função encontra-se quadruplicada – o que também implica na quadruplicação da transgressão (o

desobedecimento da ordem ou recomendação), função diretamente ligada a esta, como se verá. Antes da partida de Gandalf encontra-se a primeira interdição.

Bilbo havia partido e deixado tudo para trás, como herança para Frodo, que agora atingia a maioridade. Assim, com o auxílio e, pode-se dizer, com a supervisão de Gandalf, Bilbo também deixa para trás o Um Anel, transmitindo-o para Frodo. Mas Gandalf alimentava suspeitas quanto àquele Anel e, sendo assim, transmite uma série de conselhos, de ordens específicas para que Frodo não o utilize, sob nenhuma circunstância:

> Tome cuidado com esse anel, Frodo! […] coisas estranhas podem acontecer com pessoas que possuem esse tipo de tesouro – se elas o usarem. Que isso fique como um aviso para você, para que tome muito cuidado com ele. Esse anel pode ter mais poderes do que simplesmente fazer você desaparecer quando desejar. […] Mas se você seguir o meu conselho vai usá-lo muito raramente, ou nem irá usá-lo. Pelo menos eu peço que você não o use de qualquer maneira que possa causar comentários ou levantar suspeitas. Digo de novo: guarde-o a salvo, e em segredo! (p. 41)

Sendo assim, **a primeira interdição (γ)** consiste justamente em não utilizar o Anel e de guardá-lo em segredo. O Condado e seus habitantes viviam na paz e na tranquilidade e até então nada a perturbara, porém, a partir dessa interdição proposta por Gandalf e da sombra do Anel, a sensação de algo ruim já começa a se tornar presente, assim como apontado por Propp: "O seguimento do conto apresenta a aproximação rápida (ainda que, de certo modo, preparada) da desgraça. É a ela que está ligada a imagem dada pela situação inicial, imagem de uma certa felicidade, às vezes fortemente sublinhada." (1983, p. 67-68).

A sombra do que está por vir já começa, pouco a pouco, a pairar sobre a vida tranquila de Frodo. A própria partida de Gandalf já traz essa sensação, pois Frodo "achou que o velho mago parecia mais curvado que o normal, quase como se estivesse carregando um grande peso." (p.42). Tempo depois, Frodo começa a se sentir inquieto, surgem rumores a respeito de coisas estranhas acontecendo no mundo fora do Condado, há uma movimentação de seres que antes não ocorria e, entre estes, há sussurros sobre o "Inimigo e a Terra de Mordor". (2000, p.45) A atmosfera ruim se espalha e torna-se cada vez maior, ameaçando a tranquilidade original e contrastando notavelmente com ela. O próprio título do segundo capítulo, "*A sombra do passado*", já sugere que a paz está ameaçada, pois a sombra da desgraça já paira sobre Frodo.

É quando Gandalf retorna outra vez, após muitos anos, que ocorre a primeira parte do primeiro estágio da aventura do herói, de acordo com Campbell, que é **o chamado da aventura**, que é quando a aventura de fato se apresenta diante do herói. Segundo a teoria

de Campbell, "o herói pode agir por vontade própria na realização da aventura, ou pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno." (2007, p.66). No caso de Frodo, a aventura ocorre da segunda forma – ao menos nesta primeira parte –, pois quando Gandalf retorna ele expõe as suas descobertas diante de Frodo e este não tem opção diante do chamado que a aventura lhe faz e, assim, ele é enviado para longe por um agente benigno, que no caso é Gandalf, que está lutando contra a iminente sombra que se aproxima.

O mago Gandalf revela para Frodo que aquele anel que Bilbo lhe deixou é o Um Anel pertencente ao Senhor do Escuro e que estava perdido há tantos anos. "Este é o Anel-Mestre, o *Um Anel para a todos governar*. Este é o Um Anel que ele perdeu há muito tempo, o que causou um grande enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito – mas *não* deve obtê-lo." (p.52). Lentamente, Frodo se dá por conta da dimensão do que está acontecendo. De uma hora para outra, o Condado está em perigo e isso ocorre por conta de sua presença. O Inimigo soubera – torturando Gollum[6] – que o Anel estava com um Bolseiro, do Condado e, dessa forma, não tardaria para que o Inimigo ali chegasse.

A segunda parte do primeiro estágio da aventura, de acordo com Campbell, e que nem sempre está presente nas histórias, é a **recusa do chamado**. O herói pode simplesmente negar a aventura que se apresenta diante dele. Frodo, em nenhum momento, nega a aventura que se põe diante dele, ele apenas se lamenta, mais de uma vez, pelo modo como as coisas são, o que, de certo modo, pode ser considerado como uma espécie de recusa momentânea.

> Mesmo que Bilbo não pudesse matar Gollum, gostaria que não tivesse ficado com o Anel. Gostaria que nunca o tivesse encontrado, e que não o possuísse agora! […] Não sou talhado para buscas perigosas. Gostaria de nunca ter visto o Anel! Por que veio a mim? Por que fui escolhido? (p. 62-63).

Mesmo assim, Frodo compreende a dimensão do problema e aceita o chamado da aventura e, ao se dar por conta de que aquela missão havia sido incumbida a ele, mesmo sem considerar sua vontade pessoal, ele aceita o seu fardo e assim concorda em partir do Condado, de modo a manter o Condado a salvo e o Anel distante das garras do Inimigo. É então que surge a terceira parte do estágio da aventura segundo a teoria de Campbell, que consiste no **auxílio sobrenatural**.

---

[6] Gollum foi quem possuiu o Um Anel antes de Bilbo. Por muito tempo ele o manteve escondido em uma caverna nas profundezas das Montanhas Sombrias, até o dia em que Bilbo acidentalmente o encontrou. Essa história é narrada na obra de *O Hobbit*, também de JRR Tolkien e publicada pela primeira vez em 1937.

> Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. (1983, p. 74)

O auxílio sobrenatural de Frodo vem do próprio Gandalf, que se dispõe a ajudá-lo de imediato, assim que Frodo aceita o chamado da aventura, ou melhor dizendo, o fardo que se impõe sobre ele. "Ajudarei você a carregar esse fardo, enquanto precisar carregá-lo. Mas precisamos fazer alguma coisa logo. O Inimigo está se aproximando." (p.63). O melhor auxílio de Gandalf são os seus sábios conselhos, que ajudam Frodo em sua trajetória muito mais do que qualquer objeto que este pudesse ter. É aqui que surge a **segunda interdição (γ)**:

> O Anel não poderá ficar escondido no Condado por muito mais tempo; e para o seu próprio bem, e também dos outros, você deve ir, e deixar o nome Bolseiro para trás. Não será seguro ter esse nome, fora do Condado ou nas Terras Ermas. Agora vou dar a você um nome de viagem. Quando partir, vá como o Sr. Monteiro. (p. 65)

Sendo assim, a segunda interdição está em não utilizar o próprio nome. Segue à interdição um novo conselho: Frodo não deveria ir só, deveria escolher um amigo em quem pudesse confiar para acompanhá-lo. É então que Gandalf captura o hobbit Sam Gamgi, jardineiro de Frodo, ouvindo a conversa sob a janela. E este é talvez o melhor presente que Gandalf poderia trazer para Frodo, a companhia de Sam, pois Gandalf o incumbe de acompanhá-lo. O auxiliar do herói sempre concede algo para protegê-lo em sua aventura. Gandalf não deu amuletos ou objetos mágicos para Frodo, mas deu-lhe algo ainda mais preciso: a companhia fiel de Sam, o que teria um papel decisivo no decorrer da aventura.

Há também uma **terceira interdição (γ)**, a de partir logo, mas de maneira sigilosa. Esta interdição vem acompanhada de uma ordem, que é um formato que a interdição pode tomar:

> Você deve partir sem que ninguém saiba, e logo. […] Eu disse *logo*, não *instantaneamente*. Se puder pensar num modo de escapar do Condado sem que todo mundo fique sabendo, vale a pena esperar um pouco. Mas você não deve demorar demais. […] Enquanto isso, cuide-se, e não dê qualquer pista do seu destino! E cuide para que Sam Gamgi não fale nada. (p. 67).

Sendo assim, a interdição é de não se demorar e não "fazer barulho" quanto à sua partida, ou seja, partir de modo sigiloso, e a ordem era de partir logo. Porém, quando chega

o momento de partir, de dizer adeus ao Condado, Frodo reluta – o que de certa forma também é uma espécie de recusa ao chamado. Gandalf havia partido de novo, após lhe dar orientações sobre o rumo a ser tomado. Frodo se muda para a Terra dos Buques, outra região do Condado – ele pretendia se mudar e então partir dali sem chamar a atenção. Frodo aguardava o retorno de Gandalf, mas o mago não voltava e os dias passavam. Assim, chega-se a mais uma função: a **transgressão (δ)**, que consiste na quebra da interdição, ou no desobedecimento da ordem dada. Neste caso, a interdição transgredida é a terceira, pois Frodo não partiu logo e se demorou demais e, em parte, o próprio Gandalf teve culpa nisso, embora ele quisesse voltar e não pudesse, pois havia sido capturado por outro mago (Saruman), que antes considerava como amigo.

Com a transgressão da interdição, "uma nova personagem aparece neste momento no conto; pode-se qualificá-la de agressor do herói (*de mau*)." (1983, p.68, grifo do autor). O Inimigo surge, representado pelos Cavaleiros Negros, que são seus servidores, e estes passam a ir em busca de Frodo, a fim de encontrar o Um Anel cobiçado pelo seu mestre. Essa é a consequência da transgressão, pelo fato de não terem partido logo. Tem-se então mais uma função, de acordo com a morfologia de Propp: a **interrogação (ε)**. O Inimigo faz perguntas, procura saber onde está quem ele procura. Os Cavaleiros perguntam onde está Bolseiro.

Consecutivamente tem-se a função diretamente ligada a esta: a **informação (ζ)**. Os Cavaleiros Negros perguntam pelo Bolseiro e o Feitor (pai de Sam) revela sua localização, mesmo sem querer prejudicar os jovens hobbits. Assim, o Inimigo está cada vez mais próximo dos hobbits e qualquer outra transgressão pode pôr tudo a perder. Em certos momentos, quando os Cavaleiros Negros estão muito próximos, Frodo sente uma vontade quase irresistível de utilizar o Anel e por muito pouco não desobedece a principal recomendação de Gandalf.

> Mais uma vez, o desejo de colocar o Anel se apossou de Frodo; agora mais forte do que antes. Tão forte que, sem perceber o que estava fazendo, sua mão já tateava o bolso. Mas neste momento veio um som semelhante ao de música e risadas misturadas. (p. 81)

É aí que surgem as primeiras figuras protetoras da aventura de Frodo: um grupo de elfos. São os elfos que salvam os hobbits no exato instante em que Frodo colocaria o Anel em seu dedo, contrariando a interdição de Gandalf. Se o tivesse feito, o Cavaleiro Negro imediatamente teria descoberto sua localização e o capturaria. Assim, os elfos os salvam e os auxiliam, sentindo o perigo que rondava os hobbits. Além da proteção que os elfos

oferecem contra qualquer maldade, o bom conselho do sábio é novamente o melhor auxílio que Frodo recebe. “Deve se apressar, e não ficar nem voltar; o Condado não oferece proteção a você.” (p.86). E, novamente, a amizade está presente nos conselhos recebidos: “Acho que deve partir imediatamente, sem demora; e se Gandalf não chegar antes de sua partida, então também aconselho o seguinte: não vá sozinho. Leve amigos, que sejam confiáveis e prestativos.” (p.86)

Novamente, encontra-se a função da **interrogação (ε)**. Um Cavaleiro Negro pergunta a Magote sobre a localização de Bolseiro. Magote era um velho hobbit que morava em uma fazenda entre o Condado e a Terra dos Buques – para onde os hobbits se dirigiam. Magote dá ao Cavaleiro sua resposta, **a informação (ζ)**, que, no entanto, não o ajuda de fato, pois ele de nada sabia. Logo após isso, os hobbits chegam à casa de Magote e este se transforma então em uma figura protetora, pois lhes acolhe e auxilia.

Neste caso, os hobbits tinham um novo obstáculo a enfrentar: chegar a Balsa de Buqueburgo sem serem pegos pelos Cavaleiros Negros. Então Magote ajuda nessa situação, levando-os em sua carroça até lá. Os hobbits seguem então em sua aventura e Frodo chega finalmente à Terra dos Buques, sua nova moradia e local de onde pretendia partir. Mas ele tem uma surpresa: seus amigos sabiam que ele estava de partida e, assim, já tinham arquitetado tudo. No dia seguinte, Frodo parte com Sam e com mais dois de seus amigos: Merry e Pippin. Eles partem em direção à Floresta Velha, um lugar de reputação sombria, mas que era o único pelo qual poderiam escapar sem serem pegos ou vistos.

Assim, os hobbits seguem em seu percurso até chegar ao próximo obstáculo: o velho Salgueiro-Homem da Floresta Velha. Perdidos em meio a inúmeras trilhas sem destino certo, os hobbits se veem guiados direto ao coração da floresta e, parando para descansar, são presos por uma velha árvore. É então que surge mais uma figura protetora para livrá-los da enrascada: Tom Bombadil, um ser meio indefinível, que era, no entanto, poderoso e que habitava a Floresta Velha desde muito antes da própria floresta chegar. Tom Bombadil salva os hobbits e leva-os até sua casa próxima às colinas, onde lhes oferece abrigo.

Pode-se notar claramente, nesse ponto, que toda vez que surge um obstáculo que é maior do que os próprios hobbits ou quando eles se metem em uma enrascada da qual não conseguem se livrar por si mesmos, surge uma figura protetora que os salva e auxilia, livrando-os do perigo e ajudando-os em sua trajetória. Aqui cabe fazer uma pequena distinção entre os termos utilizados, para facilitar a compreensão. Escolheu-se usar o termo “figura protetora” em vez de auxiliar, pois embora desempenhem semelhantes e ambos se

enquadrem naquilo que Campbell define como **auxílio sobrenatural**, eles não são exatamente iguais. O auxiliar mágico, o auxiliar de fato, – como é para Frodo o próprio Gandalf – é uma personagem que guia e ampara os hobbits em todo seu caminho e, geralmente, lhes concede algo como, no caso de Gandalf, bons conselhos e a companhia dos amigos, fatores decisivos para o sucesso da aventura. Já aqueles que chamaremos de figuras protetoras também auxiliam o herói, porém, o fazem apenas enquanto o herói está em seu caminho, ou seja, não irão deixar seus próprios caminhos para acompanhar o herói em sua aventura ou para auxiliá-lo além disso. Tom Bombadil, por exemplo, ajuda os hobbits apenas enquanto estes estão nos limites de suas terras, não se interessando pelo que está além ou por outros perigos que as personagens poderão vir a enfrentar. O mesmo ocorre com os elfos e com Magote. Essa diferenciação é importante nesta obra, pois em um conto simples normalmente há apenas um auxiliar, mas neste, que possui proporções muito maiores, o número de personagens que podem ser enquadrados na função de auxiliar é muito grande, o que abre espaço para essa delimitação.

É importante observar também que essas figuras protetoras estão interligadas, como se todas as forças do bem estivessem unidas contra o mal que tenta se aproximar cada vez mais, revelando uma dicotomia central na aventura, quando esta é resumida em elementos fundamentais: bem x mal. Essa união de forças pode ser claramente percebida na observação que Tom Bombadil faz, relatando aos hobbits que sabia que eles se aproximavam. Ele afirma que "foi só o acaso que me levou até lá, se você chama isso de acaso. Não estava nos meus planos, embora eu estivesse esperando vocês. Tivemos notícias suas, e soubemos que estavam vagando pela região." (p.132). Além disso, mais adiante fica claro que Tom Bombadil tinha contatos com Magote e também tivera com os elfos, o que mostra que ele estava diretamente ligado às figuras protetoras anteriores.

Também é interessante apontar o fato de que, enquanto estava na casa de Tom Bombadil, Frodo usou o Anel, transgredindo a primeira interdição de Gandalf. Porém, como ainda estava sob a abrigo da figura protetora, a transgressão não trouxe nenhuma consequência negativa e, portanto, essa não é uma função efetiva.

Quando os hobbits partem outra vez, Tom Bombadil havia feito algumas recomendações, especialmente em relação às Colinas dos Túmulos, cuja fama era sinistra. Mas os hobbits, imprudentes e imaturos, acabam aprisionados pelas Criaturas Tumulares e, chamam por Tom Bombadil, que mais uma vez os salva. Depois, Tom Bombadil guia-os até a Estrada e presenteia-os com bons conselhos – assim como fizeram tanto os auxiliares quanto as figuras protetoras anteriores: Tom recomenda que eles sigam até o povoado de

Bri e se abriguem na hospedaria *O Pônei Saltitante*.

Para lá os hobbits se dirigem e lá ocorrem alguns acontecimentos de grande importância para a aventura, tanto bons quanto ruins. Animados pela atmosfera de acolhida da hospedaria, os hobbits acabam, mais uma vez, sendo imprudentes e aqui ocorrem duas **transgressões (δ)**. A primeira é a transgressão feita por Pippin, que menciona Bilbo e sua festa de despedida do Condado, evocando recordações que seria melhor terem sido mantidas em esquecimento. É a transgressão da segunda interdição dada por Gandalf a Frodo, a de deixar sua identidade para trás e não mencionar a ninguém sobre ser ele um Bolseiro do Condado. A transgressão ocorre, mesmo com todas as recomendações de cuidado que haviam feito entre si, antes de chegarem à hospedaria. "Cuidado com o que vão dizer, e não esqueçam que nosso plano é fugir em segredo, e ainda estamos na estrada alta, não muito longe do Condado." (p.163).

Tentando desfazer o mal causado pela imprudência de Pippin, que como consequência trouxe desconfiança e suposições perigosas acerca da identidade deles, Frodo chama a atenção de todos para si e começa a recitar uma poesia de Bilbo. Porém, uma nova **transgressão (δ)** acaba ocorrendo e se torna muito pior do que qualquer coisa que Pippin poderia ter dito, pois Frodo usa o Anel sem querer, como se ele tivesse escorregado para seu dedo, transgredindo a primeira e a mais importante das interdições: a de não usar o Anel sob nenhuma circunstância. Essa transgressão lhes custou caro, pois Frodo desaparece diante do olhar dos presentes, todos ficaram apavorados e o acontecimento foi comentado por todo lado, chegando, é claro, a ouvidos errados. Assim, o Inimigo logo fica sabendo do acontecido e se aproxima cada vez mais.

Mas para sorte dos hobbits, eles recebem um sinal de Gandalf. O mago, que parecia estar em perigo, deixara uma carta para eles na hospedaria e a carta trazia, entre outras, duas informações importantes. A primeira era o reforço da **interdição (γ)**, pedindo a Frodo novamente que não usasse o Anel, por motivo nenhum. E a segunda era a apresentação de um novo auxiliar: Passolargo ou Aragorn, como era seu nome real. Os hobbits já haviam encontrado-o na hospedaria, mas até então estiveram desconfiados a respeito dele, pois ele era um "homem de aparência estranha e marcada pelos anos" (p.164), que estava em um canto, observando-os com grande atenção desde que haviam chegado. Mas Passolargo revela-se de grande auxílio naquele momento da aventura em que o perigo parecia aumentar cada vez mais e se torna um companheiro de viagem para eles, um verdadeiro auxiliar, ajudando-os e acompanhando-os naqueles momentos de terror. Nisso Passolargo se difere das figuras protetoras anteriores, pois entra na aventura ao lado dos próprios

hobbits e não é apenas um auxílio momentâneo, sendo, portanto, um auxiliar definitivo.

Novamente, encontram-se pistas na narrativa que revelam que as forças benignas da história estavam todas unidas contra as forças do mal, pois através de Gildor e os elfos, Passolargo havia obtido as informações necessárias para saber que Frodo estava em grande perigo e assim conseguira vir em seu auxílio e encontrá-lo, sabendo que os hobbits estavam sozinhos, sem a companhia de Gandalf.

Enquanto ainda estão no *Pônei Saltitante*, encontra-se outra função na narrativa: a **enganação (ŋ)**. Essa função encontra-se invertida, um dos fenômenos que, por vezes, podem ocorrer com as funções, conforme dito anteriormente. Normalmente é o Inimigo que prega alguma peça ou armadilha ao herói, embora nesse caso o que aconteça seja justamente o inverso: Passolargo prega uma peça nos inimigos, pois estes sabiam onde os hobbits iriam dormir. Assim, ele junta um monte de cobertores, imitando a forma dos hobbits e os inimigos estraçalham todo o quarto quando não encontram os hobbits onde esperavam.

Em consequência a esse fato, encontra-se uma nova função: a **malfeitoria prévia (x)**. Não encontrando os hobbits, os inimigos prejudicam-nos, espantando todos os animais dos estábulos. Assim, cedo na manhã seguinte, os hobbits e Passolargo não conseguem partir em segredo como gostariam e são obrigados a comprar um pônei maltratado por um preço exorbitante, a fim de conseguirem partir. Quando finalmente partem, Passolargo guia os hobbits por toda a região que conhecia bem, escolhendo o melhor caminho e tentando ao máximo possível despistar o Inimigo que os persegue.

O ponto alto desta primeira etapa da aventura ocorre quando eles estão todos no Topo do Vento, um local onde outrora havia uma torre de observação e de onde podiam ver toda a região. É justamente quando estão lá em cima, examinando a região ao redor, que enxergam os Cavaleiros Negros vindo justamente na direção em que estavam. Assim, os hobbits e Passolargo se encontram encurralados e não conseguem escapar. Os Cavaleiros Negros atacam à noite, estando em vantagem contra os hobbits apavorados. Mas o que eles queriam era apenas o Anel.

> Frodo estava quase tão apavorado quanto seus companheiros; tremia como se sentisse um frio intenso, mas seu medo foi engolido por uma tentação repentina de colocar o Anel. O desejo de fazer isso tomou conta de sua mente, que não lhe permitia pensar em mais nada. Não esquecera o Túmulo, nem a mensagem de Gandalf; mas alguma coisa parecia forçá-lo a desconsiderar todas as advertências, e ele desejava ceder. Não com a esperança de escapar, ou de fazer qualquer coisa, boa ou má: simplesmente sentia que deveria pegar o Anel e colocá-lo no dedo. (p.207)

E é o que Frodo acaba fazendo, sem conseguir resistir mais. Tem-se então a **transgressão (δ)** da principal interdição, que havia sido reforçada na carta de Gandalf. Ocorre então a **malfeitoria (A)**, que é uma função extremamente importante na narrativa, pois é o que dá movimento ao conto, de acordo com Propp. Assim, também de acordo com a teoria de Propp, todas as funções anteriores podem ser consideradas como parte preparatória da narrativa e esta função marca o começo definitivo da intriga. A malfeitoria pode ocorrer de muitas formas, sendo que há um ponto em comum: em todas o Inimigo prejudica o herói de alguma maneira. Em *A Sociedade do Anel*, ela ocorre quando um Cavaleiro Negro, o líder deles, golpeia Frodo com uma lâmina de Morgul envenenada na altura do ombro esquerdo. A transgressão anterior não é o que origina a malfeitoria, mas é uma função que em consequência acaba piorando ainda mais o dano feito, pois, ao utilizar o Anel, Frodo estava em parte no mundo vivo e em parte no mundo dos Cavaleiros Negros.[7]

Passolargo acaba se livrando dos Cavaleiros por meio do uso de fogo. É ele também quem encontra ervas para ajudar Frodo com seu ferimento. O pequeno grupo parte o mais rápido possível em direção à Valfenda. Quando se aproximam do local, sabem que o Vau – que faz a passagem até Valfenda – está provavelmente tomado pelo Inimigo e eles não poderiam atravessar sozinhos sem serem capturados. Frente a este obstáculo surge uma nova figura protetora: o elfo Glorfindel, que era de Valfenda. Percebendo o estado grave de Frodo, ele cede seu cavalo élfico ao hobbit e seu cavalo leva o pequeno até Valfenda, escapando com habilidade dos Cavaleiros Negros e chegando à Valfenda. Quando os Cavaleiros tentam atravessar o Vau, são derrotados pela água e afogados.[8]

Frodo chega finalmente à Valfenda trazendo o Anel. Ele é curado por Elrond, um grande e sábio elfo, senhor de Valfenda. Em Valfenda, Frodo e os hobbits finalmente tem algum descanso verdadeiro, após todos os terríveis perigos pelos quais passaram. Além disso, após se recuperar, Frodo encontra seus queridos amigos: Bilbo e o mago Gandalf, que estivera em perigo, mas também conseguira chegar à salvo até ali. Essa fase, enquanto estão todos em Valfenda, é chamada de **mediação, momento de transição (B)**. É nesse momento que ocorre o Conselho de Elrond, em que muitas personagens importantes e

---

7 Os Cavaleiros Negros outrora haviam sido homens, mas cada um deles (ao todo eram nove) possuíra um anel de poder e submetera-se à vontade do Um Anel e todos acabaram corrompidos, virando Espectros do Anel e obedecendo à vontade do Senhor do Escuro. Eles não são visíveis às personagens comuns e usam capas escuras sobre si mesmos, recebendo, por isso, o nome de Cavaleiros Negros.

8 Sendo que os Cavaleiros eram espectros, eles não morreram, apenas perderam sua forma, seus cavalos morreram e eles tornaram-se por um tempo, pelo menos, incapacitados de agir.

representantes das mais diversas raças dos povos livres de toda a Terra Média estão presentes e é quando se discute a questão central: o que fazer com o Um Anel?

O Um Anel estava ali, salvo em Valfenda por enquanto, mas não poderia ali permanecer para sempre, pois mesmo sendo um local élfico e protegido, não seria capaz de deter a força do Senhor do Escuro, se ele para ali se dirigisse com suas forças. Assim, questões envolvendo todos os problemas da Terra Média, inclusive em relação à sombra da guerra que se aproxima, são debatidas e todos eles ali presentes, após entender por completo a dimensão do problema em relação ao Anel, são os responsáveis por encontrar a solução para aquele problema.

Após uma longa discussão no Conselho quanto a diversas possíveis soluções, chega-se à única solução definitiva para o problema: destruir o Anel. Porém, esse é de fato um problema, pois o Anel só pode ser destruído no local onde foi forjado e isso significa a Fenda da Perdição, no coração de Mordor, a terra negra de Sauron, o Senhor do Escuro. "Agora, no mínimo, devemos tomar uma estrada difícil, uma estrada imprevista. Ali está nossa esperança, se é que chega a ser uma esperança. Caminhar em direção ao perigo: para Mordor. Precisamos enviar o Anel para o Fogo." (p.282)

É uma solução desesperada, um caminho direto para a morte, mas é a única solução possível. Resta saber **quem** levaria o Anel. E é aqui que surge o herói, é a partir desse exato instante que Frodo pode ser considerado um herói de fato, pois, quando todos os grandes indivíduos daquele Conselho ficam em silêncio, ele diz: "Levarei o Anel." (p.286). Então, logo após, tem-se uma nova função: o **início da oposição ao agressor (C)**, marcada pela formação da Sociedade do Anel, a Comitiva do Anel, um grupo de nove pessoas – em oposição aos nove Cavaleiros Negros – que teria como papel acompanhar Frodo, o Portador do Anel, protegendo-o dos perigos em sua missão perigosa. Os hobbits restantes, Sam, Merry e Pippin, não aceitam ficar para trás e, assim, também integram a Comitiva, além de Gandalf, Passolargo e um represante de cada um dos povos livres da Terra Média: o anão Gimli, o elfo Legolas e Boromir, um homem de Gondor, um reino situado não muito distante de Mordor.

Elrond também pode ser considerado uma figura protetora: curou Frodo do ferimento que já o dominava, deu bons conselhos, responsabilizou-se por contatar outros indivíduos Terra Média afora e, principalmente, foi ele quem decidiu pela formação da Comitiva que deveria acompanhar Frodo. Os membros da Comitiva podem ser considerados auxiliares de Frodo, pois a função da Comitiva era protegê-lo e eles o acompanharam em boa parte da aventura e, sozinho, Frodo certamente teria perecido,

mesmo que permanecesse na companhia dos outros hobbits. Bilbo também era um auxiliar, não acompanhou Frodo em sua aventura devido à idade, mas auxiliou-o – e, deve-se dizer, salvou sua vida – ao lhe conceder dois objetos mágicos que outrora fizeram parte de sua própria aventura: a espada Ferroada e um colete de malha feito de *mithril*, o que significava que ele era leve, mas mais resistente que o próprio aço.

Figura 2: Imagem da Comitiva do Anel.[9]

A Comitiva parte. Esse momento faz parte de uma nova função: a **partida (↑)**, que é o instante em que o herói (e seus companheiros) deixa(m) a casa. A casa de Frodo era o Condado e não Valfenda, mas Valfenda pode ser considerada como a casa de todos eles, por ser a última casa amiga que encontram antes de enfrentarem todos os perigos que estão à espera deles naquela perigosa missão. "Então, com um derradeiro olhar em direção à Última Casa Amiga que piscava no escuro, caminharam para dentro da noite." (p.299). Esse "caminhar para dentro da noite" possui um significado especial, não representando apenas o momento do dia em que se encontravam, mas também pode ser considerado uma metáfora do que eles estavam de fato fazendo, ou seja, deixando tudo para trás, o dia em que se encontravam (a estadia na maravilhosa Valfenda) e mergulhando direto no perigo daquela jornada (a noite).

As funções **ABC↑** representam, de acordo com Propp, o nó da intriga. É a partir desse ponto que a aventura se desenrola de fato, recheada de perigos, decisões importantes,

[9] Imagem também retirada do filme *A sociedade do anel,* lançado no ano de 2001. Consultar referências para maiores detalhes.

do medo e da coragem. Novamente, muitos obstáculos estão presentes. Os obstáculos, que surgem aos montes na narrativa de *O senhor dos anéis*, não são definidos como funções específicas na teoria de Propp, porque em narrativas menores, são muitos poucos ou até inexistentes. Mas em uma narrativa maior como esta que por ora se analisa, os obstáculos são vários e estão presentes na narrativa justamente para fazer a ligação entre as funções.

Dessa forma, considera-se importante citar os obstáculos pelos quais as personagens passaram, pois revelam pontos importantes da história. Na primeira parte da história, quando os hobbits fugiram do Condado e vieram até Valfenda, eles passaram por muitos obstáculos e cada um, como já se disse, marcava o surgimento de uma figura protetora que os auxiliava, pois eles ainda eram muito imaturos e precisavam de auxílio, ou seriam logo capturados ou mortos. Agora, a Comitiva do Anel está formada e os obstáculos continuam surgindo, porém, são um grupo forte que se auxilia mutuamente e, dessa maneira, vencem os obstáculos ou escapam deles, não necessitando, assim, de figuras protetoras.

O primeiro obstáculo que enfrentam é a neve da montanha de Caradhras e a tempestade terrível que se põe sobre a montanha no instante em que a estão atravessando. Assim, são obrigados a retornar e a pensar em outro caminho alternativo, pois a montanha os derrotara, embora tenham consigo escapar auxiliando uns aos outros. Depois, surge outro obstáculo: os lobos. "Sem avisar, uma tempestade de uivos soou, feroz e alucinada, por toda a volta do acampamento. Um grande bando de *wargs*[10] tinha-se reunido em silêncio, e agora os atacava por todos os lados de uma vez." (p.317). Juntos, mais uma vez, e com o auxílio principal de Gandalf, vencem os lobos, que não eram simples lobos, mas mais um artifício do Inimigo para impedir a marcha deles.

Sem saída, a Comitiva é obrigada a se dirigir para as Minas de Moria, um local em que outrora existira um grande reino dos anões, mas que agora não passava de ruínas e escuridão, pois os anões haviam cavado muito fundo e despertado um mal antigo, que fora a ruína daquele povo. Diante das portas de Moria, invisíveis à luz do dia, tem-se mais um obstáculo: encontrar as portas e descobrir como entrar. Não obstante, Boromir, com raiva do lugar, atira uma pedra no lago que rodeava o local e, no exato instante em que Gandalf consegue abrir as portas, uma criatura terrível com muitos tentáculos emerge da água escura e agarra Frodo. Conseguem libertar Frodo e escapam por pouco, mas agora estão presos nas Minas e a única saída é atravessar todos os caminhos sinuosos e escuros, encontrando a porta do outro lado das Minas.

---

[10] Lobos selvagens.

É uma caminhada longa, escura e silenciosa, mas a Comitiva segue, guiada por Gandalf. “Por toda a volta pairava a escuridão, vazia e imensa, e eles se sentiam oprimidos pelo abandono e pela vastidão das paredes de pedra, e pelas escadarias e corredores que se ramificavam interminavelmente.” (p.335) Em dado momento, Pippin, o mais imaturo dos hobbits da Comitiva, nota um buraco na câmara em que se encontravam para descansar e sem conseguir resistir ao impulso, atira nele uma pedra. Longos segundos depois, ouve-se o ruído amplificado e que ecoa pelas Minas, quando a pedra atinge o fundo. Por um instante, nada parece acontecer, até que se ouve, vindo lá das profundezas, o ruído de um martelo.

Tempo depois, o que pode ter sido resultado da imprudência do jovem hobbit, os orcs surgem aos montes em perseguição a eles, sendo esse mais um obstáculo a ser enfrentado pela Comitiva. É então que a coragem da Comitiva é despertada pelas palavras de Aragorn “Vamos fazer com que sintam medo da Câmara de Mazarbul!” (p.344). É a primeira luta dos hobbits contra os orcs que aos poucos vão invadindo a câmara onde eles se encontravam, mas eles sentem a coragem se acender em seus corações e lutam corajosamente pelo Condado que amam.

De repente, surge um enorme líder dos orcs, que acaba ferindo Frodo, espetando este com uma lança e prendendo-o à parede. Todos naturalmente pensam que ele está morto, mas graças ao colete de malha de *mithril* que Bilbo lhe dera – e que ganhara em sua própria aventura – ele se salva. Mas agora a Comitiva tem um novo obstáculo: precisam atravessar a estreita ponte, atingir os Portões e então, finalmente, sair de Moria. Para piorar, surge um obstáculo ainda maior: um balrog, uma figura feita de chamas e escuridão e mais poderosa que qualquer um deles, como afirma Gandalf: “Fujam! Este é um inimigo além das forças de qualquer um de vocês. Preciso proteger o caminho estreito. Fujam!” (p.350)

Até então todos os obstáculos enfrentados haviam sido páreos para eles, ou pelo menos haviam conseguido escapar de todos. Mas um balrog é um ser muito mais poderoso que qualquer um deles e que, inclusive, fora a ruína do Reino dos Anões, então para que consigam escapar, um preço é pago: Gandalf, puxado pelo chicote do balrog, acaba caindo na escuridão junto com ele e morrendo. Mergulhados na dor, a Comitiva foge das Minas, agora liderados por Aragorn e chegam à Floresta de Lothlórien, um lar dos elfos, onde a beleza élfica das coisas ainda se encontra preservada. Os membros restantes da Comitiva são acolhidos e recebem auxílio e proteção, pois mais uma vez – devido às mensagens de Elrond – eles já sabiam da chegada deles e quem eles eram, “escutamos rumores sobre sua

vinda, pois os mensageiros de Elrond passaram por Lórien, em seu caminho de volta." (p.364)

Se não fosse pelos elfos e o abrigo e proteção que eles agora lhes ofereciam, a Comitiva teria sido alcançada pelos orcs de Moria, cujo líder fora morto por eles e que desejavam vingança. Mas os próprios elfos lidaram com os orcs que ali chegaram, que não foram vistos novamente. A Comitiva é guiada então pela Floresta de Lórien, em direção a Caras Galadhon, lar dos senhores élficos daquela terra: Celeborn e Galadriel, que desejavam vê-los.

Os senhores élficos sabem sobre a Demanda do Anel, por meio de Elrond, e se dispõem a ajudá-los como puderem. Mas os alertam: "sua Demanda está sobre o fio de uma faca. Desviem só um pouco do caminho, e nada dará certo, para a ruína de todos. Mas a esperança ainda permanece, enquanto toda a Comitiva for sincera." (p.379). E é exatamente neste ponto que se encontra mais uma função: **primeira função do doador (D)**. O doador é uma personagem que é encontrada pelo herói em seu caminho e que doa ao herói um objeto mágico, após este passar por uma espécie de prova. Celeborn e Galadriel, os senhores de Lórien, podem ser considerados doadores, pois "o Senhor dos Galadhrim é considerado o mais sábio de todos os elfos da Terra Média, capaz de dar presentes acima do poder dos mais poderosos reis." (p.379)

A Senhora Galadriel é quem coloca cada um dos membros da Comitiva sob uma prova, como pode ser considerado o instante em que ela encarou o interior de cada um deles: "ela os segurou com seu olhar, e em silêncio ficou olhando e perscrutando cada um deles, um após o outro." (p.379). Esse instante pode ser considerado como um teste de fato, aplicado ao coração de cada um deles, pois

> cada um sentiu que se lhe oferecia uma escolha entre uma sombra cheia de medo, que se encontrava lá na frente, e alguma coisa profundamente desejada, que se apresentava clara aos olhos do espírito e que para tê-la bastava desviar-se da estrada e deixar a Demanda e a guerra contra Sauron para outros. (p.380).

Assim, Galadriel testa cada um deles, lhes oferecendo uma escolha entre a estrada terrível que teriam de tomar caso continuassem na Demanda, ou entre algo muito desejado pelo coração, como a paz do Condado que os hobbits haviam deixado para trás, por exemplo. A resposta para o teste vem na função seguinte, a **reação do herói (E)**, que ocorre quando a Comitiva está novamente de partida e, mesmo desejando o contrário, todos decidem partir e seguir em frente. A reação ao teste, que pode ser positiva ou negativa, é neste caso positiva.

Então segue-se outra função, a última que se encontra neste volume da trilogia, a **recepção do objeto mágico (F)**. Dada a resposta positiva, a decisão de que persistiriam na perigosa jornada, os membros da Comitiva recebem um objeto mágico, especialmente destinado a cada um deles. Frodo recebe um frasco de cristal com a luz da estrela de Eärendil, com o objetivo de iluminá-lo quando todas as outras luzes estiverem apagadas. "Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem." (p.401)

Além disso, a Comitiva é presenteada com barcos élficos – pois agora seguiriam um trecho de sua jornada pelo rio –, e também com lembas, uma espécie de pão élfico, capas que fazem com que quem as use passe quase imperceptivelmente, e também bons e sábios conselhos. Então a Comitiva parte outra vez e os obstáculos recomeçam. O primeiro deles são os orcs que, após alguns dias de viagem pelo rio, revelam sua presença na outra margem. À noite, enquanto se refugiavam na margem oposta, uma forma escura passou sobrevoando sobre eles, enchendo a todos de terror. Legolas ergueu o grande arco de Lórien que havia recebido da Senhora e atirou uma flecha na criatura, que com um grasnado caiu na escuridão. Com isso, os orcs também silenciaram e desapareceram por um tempo.

Com o passar dos dias e percorrendo o caminho pelo rio, a Comitiva chega cada vez mais perto da inevitável encruzilhada em que teriam de tomar uma decisão difícil, não podendo mais seguir para o Sul, deveriam, ou rumar para o Leste, indo para Gondor com Boromir – e para onde Aragorn também desejava ir, pois lá se encontrava seu destino –, ou então ir para o Oeste, diretamente para a Terra de Mordor e finalizar a Demanda do Anel. O dia da decisão chega e Aragorn, o líder da Comitiva, coloca nas mãos de Frodo, o Portador do Anel, a terrível decisão.

> Finalmente o dia chegou – disse ele. – O dia que da escolha que adiamos por tanto tempo. Que será agora de nossa Comitiva, que viajou até aqui como uma sociedade? Devemos rumar para o Oeste com Boromir e nos dirigir para as guerras de Gondor, ou rumar para o Leste em direção ao Medo e à Sombra; ou devemos ainda romper nossa sociedade e ir por este ou aquele caminho, como cada um escolher? (p.422)

Frodo, encarregado da decisão, pede um tempo para pensar e se afasta da Comitiva. Momentos depois, percebe que Boromir o seguira e este começa a questioná-lo de uma maneira enfurecida, até tentar tomar dele o Anel. Frodo, apavorado com a traição de Boromir, que se deixara vencer pela tentação do Anel, se afasta e foge usando o Anel, para escapar da fúria descontrolada de Boromir. É então que a margem onde eles se

encontravam é invadida por orcs. A Comitiva está apavorada e perdida, procurando por Frodo.

Este é, como se verá mais adiante em uma análise mais detalhada da personagem, um dos momentos em que Frodo demonstra maior sabedoria e coragem. Vendo que o Anel já agia até mesmo dentro da própria Comitiva e sabendo o quanto seria custoso para ele e para os outros, levar a todos para Mordor, ele decide ir sozinho em direção à sua jornada. Enquanto os orcs invadem o local e a Comitiva segue procurando Frodo, este volta para a margem onde se encontram os barcos e parte.

Porém, Sam, que o conhecia muito bem, descobre as intenções de Frodo e volta bem a tempo de ver o barco se afastando. Decidido a se jogar na água, mesmo sem saber nadar, caso Frodo não retornasse para pegá-lo, Sam acaba partindo junto com ele, em direção ao perigo e à escuridão da Terra de Mordor, local onde se encontrava o desfecho da missão deles.

Aqui termina a narrativa do primeiro volume da trilogia, cuja continuação está na obra *As duas torres*. A partir deste ponto, se a análise pelo ponto vista das funções e da teoria de Propp continuasse, poderia-se notar, a partir do segundo volume, que a sequência inicial de funções vista até aqui se ramificaria e passaria a haver então mais de uma sequência, já que as personagens da história seguem rumos diferentes e a narrativa acompanha o percurso delas.

A aventura até aqui foi vista como um todo a partir das teorias de Propp e de Campbell, pois antes de se analisar especificamente o herói e sua transformação pessoal no decorrer da história, tornou-se necessário analisar o próprio percurso pelo qual este passa, a sua aventura, compreendendo melhor a dimensão da missão com a qual foi incumbido e do peso de suas escolhas. Adiante se verá, portanto, uma análise mais específica da personagem Frodo, analisando também o papel que a amizade exerce sobre sua aventura.

4 DE UM SIMPLES HOBBIT A HERÓI: A PERSONAGEM FRODO

De acordo com a teoria de Campbell, o primeiro estágio da aventura, conforme mencionado anteriormente, possui cinco partes: o chamado da aventura, a recusa ao chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia. Já foram definidas, no capítulo anterior, as três primeiras partes deste primeiro estágio da aventura, pois estão diretamente ligadas à aventura em si, embora a análise mais específica ainda não tenha sido feita. As últimas duas partes do primeiro estágio da aventura foram guardadas para serem definidas e analisadas neste presente capítulo, por estarem mais ligadas à transformação pessoal e evolução da personagem Frodo, que ocorre no decorrer da aventura, e da qual tratará este capítulo.

Conforme definido no capítulo anterior, o **chamado da aventura** na narrativa de *A sociedade do anel* começa a ocorrer a partir do momento em que o hobbit Bilbo parte do Condado, deixando tudo para Frodo. Frodo era um hobbit ainda muito jovem, que acabara de atingir a maioridade – segundo a tradição dos hobbits. Ele era um hobbit simples e feliz, apaixonado pela vida no Condado em todos os seus detalhes. Frodo perdera os seus pais muito jovem e, sendo órfão, fora mais tarde adotado por Bilbo, que o levara para viver consigo em seu lar, Bolsão. A história começa justamente com o aniversário de Bilbo e também aniversário do próprio Frodo. Durante a festa, Bilbo – que já havia planejado tudo – dá um discurso e, ao final deste, utilizando o Anel, desaparece. Naquele momento, porém, Frodo finalmente se dá por conta do que está acontecendo.

> Frodo era o único presente que não dizia nada. Por um tempo ficou sentado em silêncio ao lado da cadeira vazia de Bilbo e ignorou todos os comentários e perguntas. Tinha gostado da brincadeira, é claro, mesmo já estando a par de tudo. Teve dificuldades para segurar o riso diante da surpresa indignada dos convidados. Mas ao mesmo tempo sentia-se numa encrenca: percebeu de repente que adorava o velho hobbit. (p.31)

Embora no fundo Frodo soubesse que, de fato, Bilbo desejava partir, ele ainda mantinha uma esperança, no fundo, de que tudo fosse uma brincadeira. Agora Frodo havia se tornado o dono de Bolsão, pois Bilbo deixara tudo para ele – inclusive o Anel. Este já é um pequeno choque inicial para Frodo que, antes dependia dos outros, e agora era, de uma hora para outra, o dono de si mesmo. Mas, Frodo acaba descobrindo, logo que se acostuma, que "ser dono do seu próprio nariz e *o* Sr. Bolseiro de Bolsão era bastante agradável." (p.44). Aos poucos, porém, ele sentia uma estranha vontade de também ter partido com Bilbo, um pequeno desejo de também ter suas aventuras. "Às vezes se pegava

pensando, especialmente no outono, em terras selvagens, e estranhas imagens de montanhas que nunca havia visto apareciam em seus sonhos." (p. 44). Por outro lado, uma parte dele se contentava, pois amava o Condado.

Tudo muda porém, quando Gandalf retorna e Frodo, repentinamente, se vê mergulhado no terrível problema que é estar em posse do Um Anel, que o Senhor do Escuro estava procurando outra vez e que, sem muita demora, logo estaria se dirigindo para o Condado em busca dele. Conforme visto no capítulo anterior, Gandalf revela a Frodo todas as suas descobertas e suspeitas e Frodo se vê apavorado, desejando apenas que o Anel nunca tivesse chegado a ele. Gandalf pode ser definido então como uma prévia do **arauto**, que, de acordo com Campbell, é aquele que traz as notícias sombrias que resultarão na aventura.

O ponto mais específico do chamado da aventura, ocorre justamente quando Frodo compreende a real dimensão do problema e compreende que cabia a ele, que era quem agora estava em posse do Anel, fazer algo. Assim, o chamado está diante dele. Cabe, então, dar uma resposta a esse chamado, que pode ser uma aceitação ou uma negação, que viria a ser **a recusa ao chamado**. Como já foi visto, Frodo não chega a recusar a aventura que se põe diante dele, apenas lamenta pelo fardo terrível que teve de aceitar, pois sim, Frodo não teve escolha, não foi ele que escolheu a aventura, ele simplesmente teve de aceitá-la.

Frodo passa por diversas reações enquanto descobre, por meio da revelação das descobertas de Gandalf, as verdades sobre o Um Anel. Primeiro, ele fica completamente surpreso, como se não pudesse acreditar que um grande Anel estava agora sobre seus cuidados, ele, um simples hobbit do Condado. Em seguida, conforme percebe a ameaça que aquele Anel representa para os hobbits e, inclusive, para o Condado, ele se deixa dominar pela incredulidade e pelo espanto. Por fim, sente o medo lhe dominar. "Frodo estava sentado em silêncio e paralisado. Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava para envolvê-lo." (p.52)

Apavorado, Frodo deseja apenas que nada disso tivesse acontecido. Depois, sua reação é de revolta. Por que o Anel não foi destruído, quando poderia ter sido? Mais adiante, quando Gandalf revela que, por meio de Gollum, o Senhor do Escuro agora sabia da localização do Anel, o que não demoraria para fazer com que ele logo viesse em busca de seu Anel, Frodo fica então completamente apavorado. "– Mas isso é terrível! – gritou Frodo. – Muito pior do que eu havia imaginado a partir de suas insinuações e advertências. Ó Gandalf, meu melhor amigo, que devo fazer? Pois agora estou realmente com medo. Que devo fazer?" (p.61)

Esse pequeno trecho já demonstra a reação seguinte de Frodo, que é justamente quando ele aceita o chamado da aventura e decide que irá abraçar aquele fardo que chegara até ele. Ele questiona Gandalf quanto ao que deve fazer, o que já demonstra que ele está disposto a ir em frente e que já assume aquele fardo como seu. Gandalf revela então que só há uma maneira de destruir o Anel: "encontrar as Fendas da Perdição nas profundezas de Orodruin, a Montanha de Fogo, e atirar o Anel ali." (p.63). Frodo mais uma vez lamenta sua sorte e chega até mesmo a oferecer o Anel a Gandalf que, no entanto, se recusa até mesmo a tocá-lo, pois o Anel é poderoso e ele próprio também.

E, finalmente, Frodo compreende o que deve fazer e se dispõe a isso: "por enquanto parece que represento um perigo, um perigo para todos os que vivem perto de mim. Não posso guardar o Anel e ficar aqui. Devo deixar Bolsão, o Condado, deixar tudo e ir embora." (p.64) Nesse ponto, Frodo definitivamente aceita seu fardo e essa atitude demonstra um primeiro indício de seu perfil de herói, pois, dando-se por conta da necessidade da situação, ele não hesitou em abrir mão de sua vida no Condado que ele tanto amava, por algo maior e necessário para o bem todos.

Ao mesmo tempo, o Condado segue em seu coração e continua sendo seu refúgio contra o terror que agora o cerca. "Sinto que, enquanto o Condado permanecer a salvo e tranquilo atrás de mim, a minha andança será mais suportável: saberei que em algum lugar existe um chão seguro, mesmo que meus pés não possam pisá-lo de novo." (p.64). Desse modo, é também pela salvação de seu Condado que Frodo abraça a missão que se impõe sobre ele e assim ele carrega o Condado dentro de si, como uma constante fonte de esperança.

Campbell define o chamado da aventura afirmando que

> o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração – um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. *O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar.* (2007, p.61, grifo nosso.)

Assim, quando Bilbo parte e deixa o Anel para Frodo e este descobre, por meio de Gandalf, a terrível situação que isso representa, abre-se diante dele a cortina de um novo mundo. Ele descobre coisas, algumas delas terríveis, que jamais teria imaginado antes, em sua vida de hobbit despreocupado. Assim, o Condado se transforma diante dele, não é mais o local onde deve ficar, é ainda o local que ele ama, mas agora também se torna o local que

ele deve salvar, tendo de partir dali assim que possível. Aos poucos, Frodo vai deixando para trás tudo o que pertence à velha vida em Bolsão, como quando ele se muda para a Terra dos Buques, e, com isso, vai adentrando esse novo universo de aventura do qual agora passa a lentamente fazer parte.

Campbell afirma que "esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui 'o chamado da aventura' – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro da gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida." (p.66). Essa transferência também ocorre em *A sociedade do anel*. Para os hobbits, o mundo é o Condado, pois da mesma forma como os outros povos não se importam com eles, eles também não se interessam pelo que acontece fora dos limites da terra onde vivem. Eles vivem de certa forma "alienados", alheios ao que é estrangeiro, contentes com a vida que levam e detestando desconhecidos e aventuras – fato pelo qual Bilbo muitas vezes era mal visto pelos outros habitantes do Condado, por já ter saído em aventuras. Eles temem o novo e o desconhecido. Quando Frodo se vê subitamente envolvido pela aventura, o Condado deixa de ser o grande centro de sua vida e seus horizontes se ampliam, pois agora ele está cara a cara com o mundo, prestes a percorrer a Terra Média.

Assim,

> "para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se." (2007, p.74).

É aqui então que surge o que se chama de **auxílio sobrenatural**, a terceira parte do primeiro estágio da aventura, de acordo com a teoria de Campbell. Frodo aceitou o chamado e, a partir disso, a figura de auxiliar mágico é o próprio mago Gandalf, que embora não lhe forneça nenhum amuleto, lhe dá um auxílio muito além disso, pois lhe dá conselhos sábios e importantes e, mais ainda, define Sam como o companheiro de Frodo em sua jornada, fato que foi completamente decisivo no decorrer de toda a jornada de Frodo, como se verá adiante.

Gandalf é um mago, é quem aconselha Frodo, é um ancião, um sábio, que sabe de muitas coisas além da sabedoria dos outros. É ele quem guia Frodo e que lhe dá instruções. Mais tarde, é ele também que será designado como o guia da Comitiva do Anel, a partir do Conselho de Elrond em Valfenda, e é ele também quem guia reinos, reis e personagens diversos nos outros livros da trilogia, mudando o próprio rumo da história, e atuando, inclusive, sobre seu desfecho.

Definiu-se anteriormente Gandalf como uma prévia do **arauto.** Para Campbell, o arauto é aquele que "anuncia a aventura, por conseguinte, costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo." (p.62). A partir disso, Gandalf foi definido como uma prévia do arauto, pois ele já anuncia a aventura e traz terríveis notícias, apesar do fato de que ele não é exatamente uma figura terrível e muito menos maléfico. Assim, os verdadeiros arautos surgem a partir dos temíveis Cavaleiros Negros, que vêm em busca do Anel. Estes não exitam em praticar o mal e levam o terror por onde passam, trazendo a terrível aventura ao encalço de Frodo.

Quando Frodo está saindo de Bolsão, partindo para sua nova moradia na Terra dos Buques, um disfarce para ocultar sua partida do Condado, encontra-se mais uma pista de sua personalidade de herói, que principiava a revelar-se. Esta se encontra na cena em que Frodo se vira para trás uma última vez e acena um adeus para aquele local e diz "Fico pensando se verei este vale outra vez – disse ele calmamente." (p.73) Pode-se notar que agora, passado o choque inicial, Frodo enfrenta sua partida com naturalidade e, mesmo sabendo que talvez nunca mais retorne, ele segue em frente. Porém, em seu íntimo, estão guardados muitas dúvidas e temores, como define o elfo Gildor: "Você está deixando o Condado, e ainda assim duvida se poderá encontrar o que procura, ou conseguir o que pretende, ou se algum dia retornará." (p.85). O elfo está certo e Frodo apenas pensa em onde buscará a coragem necessária. Mas, mesmo estando com dúvidas, guardando o medo em seu coração e sentindo-se pequeno e frágil diante de tudo, ele vai em frente com determinação, fato que já dá pistas de sua gradativa transformação em herói. Para Gandalf, ele revela que sabe que talvez não voltará, mas isso não o impede de ir em busca da aventura: "Bilbo foi procurar um tesouro, lá e de volta outra vez; mas eu vou perder um tesouro, e não voltarei, pelo que estou entendendo." (p.68)

É interessante notar, com base na teoria de Campbell, que o arauto surge exatamente quando o indivíduo está pronto para uma transformação. O que, neste caso, conduz direto para a etapa seguinte: **a passagem pelo primeiro limiar**, que coincidentemente também se relaciona com um dos primeiros marcos da evolução pessoal de Frodo.

No prefácio de *A sociedade do Anel*, Tolkien afirma que "quanto a qualquer significado oculto ou 'mensagem', na intenção do autor estes não existem. O livro não é nem alegórico nem se refere a fatos contemporâneos." (p.XII-XIII). Sendo assim, a trilogia de *O senhor dos anéis* é simplesmente uma história de fantasia, sem qualquer objetivo específico que não seja o de contar uma boa história e entreter o leitor. Mesmo assim,

embora na intenção do autor não haja nenhuma interpretação específica, isso não impede que diversas leituras sejam feitas a partir da obra. E é a partir de uma leitura diferenciada feita sobre este primeiro volume, que se percebeu algo muito interessante, que também se relaciona com a evolução de Frodo e aquilo que Campbell define como a passagem pelo primeiro limiar. Cabe esclarecer que não se pretende, porém, elaborar aqui uma metáfora para a narrativa, ao contrário, pretende-se apenas explorar o que a própria narrativa oferece, partindo de uma leitura diferenciada.

A partir disso e com base no próprio Frodo, o Condado poderia ser definido como um período de infância do herói, pois ele não tinha preocupações e vivia tranquilo e feliz na terra que amava. Quando se torna dono de Bolsão e de seu próprio nariz, ele começa a deixar sua infância para trás, assumindo responsabilidades quanto à sua própria independência, o que o prepara para o passo seguinte, quando ele definitivamente deixa a infância para trás. Seguindo essa linha de pensamento, quando a aventura o chama, Frodo definitivamente se vê abrindo mão de seu Condado, embora o leve dentro de si, como uma fonte de segurança e esperança contra o mal que o persegue.

Há um marco na história, que representa o ponto exato onde Frodo deixa seu Condado (infância) para trás e se vê então cara a cara com um novo cenário, agora cheio de incertezas, dúvidas e medos. Esse marco se encontra na cena em que os hobbits ultrapassam as fronteiras do Condado – que é também o momento em que acontece o que Campbell chama de a passagem pelo primeiro limiar, como se verá logo adiante –, e para sair do Condado, precisam atravessar a enorme Cerca que havia sido construída para proteger o Condado de invasores e criaturas estranhas. Para atravessá-la, os hobbits passam por um túnel:

> – Adeus! – gritaram todos, descendo pela valeta e desaparecendo dentro do túnel. O interior era escuro e úmido. A outra extremidade era fechada por um portão feito de grossas barras de ferro. Merry desceu do pônei e destrancou o portão, e quando todos tinham passado fechou-o novamente. Houve uma pancada e o trinco travou com um clique. O som era agourento.
> – Pronto! – disse Merry. – Vocês deixaram o Condado, e agora estão do lado de fora. (p.116)

A porta se trancou e não há como voltar para o Condado, assim como não há como retornar para o refúgio da infância, uma vez que este foi deixado para trás. Essa passagem pela Cerca tem um simbolismo todo especial, pois é ela que separa o Condado do mundo lá fora. Assim, essa cena da passagem pelo túnel da Cerca marca o instante exato em que eles deixam para trás a segurança do mundo em que viviam até então e adentram um mundo

novo, sombrio e misterioso, que guarda perigos e maldades, embora também possua coisas boas.

Pode-se observar que essa saída do Condado, que seria o fato de ter de deixar a infância e a tranquilidade desta para trás definitivamente, é marcada pelo confronto com a realidade. É quando Frodo se dá por conta do perigo que o Condado está correndo com sua presença que ele percebe que tem de partir e, assim, passa a conhecer a realidade do mundo, da própria Terra Média, que não era só um viver pacífico em um refúgio tranquilo, mas que também havia problemas e coisas sombrias e que o mal parecia nunca descansar e, para contê-lo, as forças do bem precisavam se mover. É essa queda na realidade – que ocorre quando Gandalf lhe explica toda a real situação em que se encontram – que motivam essa "passagem pela Cerca".

Assim como era com Frodo, quando criança vive-se no Condado. Acredita-se nas pessoas, os contos de fadas nos parecem completamente possíveis, tudo é feliz e motivo de alegria, não há problemas duradouros e a vida é maravilhosa. Chega uma hora ou outra, porém, em que ocorre a passagem pela Cerca, por vezes, como no caso de Frodo, motivada por um choque com a realidade ou por uma responsabilidade inesperada da qual o indivíduo se vê encarregado. Uma vez feita a passagem pela Cerca, o mundo maravilhoso onde tudo é bom e tranquilo ficou para trás. À frente se encontram muitos obstáculos, acontecimentos difíceis a serem suportados e muitos momentos recheados de perigos e medos. Após ter passado pela Cerca, o indivíduo já não é mais o mesmo, pois agora ele conhece a realidade e, sendo assim, aqui começa sua trajetória de amadurecimento e crescimento pessoal, onde cada novo obstáculo ou perigo acarreta em seu próprio desenvolvimento – como também ocorre com Frodo, quando este deixa o Condado.

Manter um pouquinho do Condado dentro do coração, mesmo já tendo passado a Cerca, como Frodo, significa ter esperanças, sonhar e acreditar sempre no melhor mesmo quando tudo parece perdido. É o que Frodo acaba fazendo em toda a sua trajetória, do início ao fim de sua jornada. É ao lembrar do Condado que, em muitos dos momentos escuros de sua aventura, Frodo encontra forças para enfrentar seus momentos difíceis. O próprio contato com histórias de fantasia, com os heróis dos mundos mágicos já seriam como que essa volta para o Condado, pois é ali que muitos encontram sua força para enfrentar os obstáculos da realidade.

Esse momento, além de ser um marco na evolução de Frodo, o momento em que ele finalmente se vê cara a cara com a aventura que o espera, também representa o que Campbell chama de a passagem pelo primeiro limiar.

> Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao 'guardião do limiar', […] marcando os limites da esfera ou horizonte da vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo. (p.82).

É além da Cerca, além do Condado, que se encontram todos os perigos terríveis que os hobbits terão de enfrentar, portanto, é essa Cerca que marca o primeiro limiar, pois é logo que se passa por ela, que os perigos aumentam e se colocam diante deles.

Seguida a essa parte do primeiro estágio da aventura, também está o **ventre da baleia**, estando diretamente relacionada à anterior e que consiste em uma espécie de metamorfose pela qual passa o herói. "A passagem pelo limiar constitui uma forma de autoaniquilação" (p.92), ou seja, o herói morre para sua vida anterior, deixa tudo para trás e parte em busca da aventura. Assim, o herói passa pelo limiar mágico (o ventre da baleia) e se transforma, já não é mais o mesmo de antes. Morre e renasce. É uma metamorfose. No caso dos hobbits que partem do Condado, esse ventre da baleia, essa metamorfose, ocorre no decorrer da primeira jornada deles até Valfenda, na qual eles passam por um processo de amadurecimento, após o qual já não são mais os mesmos hobbits de antes e a partir do qual é que se encontrarão prontos para o restante da aventura.

Estas são, portanto, as cinco etapas do primeiro estágio da aventura do herói, de acordo com Campbell, e essas etapas estão presentes em todas as histórias de aventuras, por mais diversas que possam ser, não importando quais sejam seus personagens, cenários ou a época retratada na história. Sendo assim, por mais que os detalhes possam se modificar das formas mais variadas possíveis, a aventura é sempre a mesma em sua essência, dando origem ao modelo do herói no qual todos os outros se encaixam.

Levando-se em consideração a afirmação anterior de que a transformação dos hobbits ocorre durante todo o percurso do Condado até Valfenda, as ações e impressões destes serão analisadas, com especial atenção à personagem Frodo. Pode-se notar com enorme facilidade o quanto os hobbits ainda são imaturos e despreparados. Já se nota isso, por exemplo, logo após a estadia na casa de Tom Bombadil, quando este se despede deles e eles, devido à imprudência que possuem, se deixam aprisionar na Colina dos Túmulos, pelas Criaturas Tumulares, embora tendo sido alertados sobre isso.

Nesse ponto, inclusive, há uma cena que demonstra a força de Frodo. Mesmo envolvido pelo terror das Criaturas Tumulares e pela escuridão fria dentro do túmulo, Frodo se recorda de Bilbo, em suas conversas, caminhadas e aventuras (p.146) e, por meio dessas lembranças antigas vividas no Condado, ele consegue se fortalecer. "Pensou que

tivesse chegado ao fim de sua aventura, um fim terrível, mas esse pensamento renovou suas forças. Percebeu seus músculos se contraindo, como para um salto final; deixara de se sentir frágil como uma vítima indefesa.” (p.146). É na fraqueza daquela situação em que se encontrava, que Frodo encontra sua força e coragem e, assim, consegue encontrar um meio de libertar a si e aos amigos.

Outro grande exemplo da imprudência e imaturidade que os hobbits possuem nessa fase inicial da aventura está nos acontecimentos que ocorrem quando eles chegam ao povoado de Bri e se dirigem a estalagem do Pônei Saltitante, conforme recomendado por Tom. Pouco antes, já se nota um pequeno indício de maturidade por parte de Frodo, pois ele alerta os amigos e pede cautela. “Pode ser tudo o que desejamos – disse Frodo. – Mas de qualquer forma é longe do Condado. Não se sintam muito em casa!”. (p.155). Após os primeiros obstáculos que haviam enfrentado, desde a saída do Condado até a chegada à Estrada, acompanhados de Tom, já se pode notar uma pequena mudança nos hobbits, que já não são mais os mesmos que sairiam cantando a todo volume, sem se preocupar com o perigo, como haviam feito antes, quando ainda estavam no Condado, mesmo sendo perseguidos de perto pelos Cavaleiros Negros.

Ainda assim, é no Pônei Saltitante que, mesmo com todas as recomendações, eles conseguem descumprir todas as ordens de Gandalf, transgridem todas as interdições e ainda se revelam ao Inimigo, o que acaba trazendo consequências.

Em diversos pontos da aventura, Frodo – assim como também os outros hobbits – se pega pensando no Condado e na vida de lá, da qual sentia tanta falta. Quando estão no Topo do Vento, acompanhados de Passolargo, momento da aventura em que ocorre um ponto alto – o ataque direto dos Cavaleiros Negros contra eles – há uma cena em que Frodo está no topo da colina e sente uma vontade absurda de voltar ao seu amado Condado, onde podia encontrar refúgio e segurança.

> Naquele lugar solitário, Frodo percebeu, pela primeira vez de forma clara e completa, como estava longe de casa e o perigo que corria. Teve um desejo amargo de que sua sorte o tivesse deixado ficar no pacífico e amado Condado. Olhou para baixo, para a estrada odiosa, que levava de volta para o Oeste – para o seu lar. (p.200)

É nesse instante que Frodo percebe que os Cavaleiros Negros estão se aproximando do local onde eles se encontram. Passolargo e os hobbits percebem então que estão em uma enrascada e que a noite se aproxima, então decidem que, dentre serem pegos em outro local, era melhor que se defendessem ali mesmo. Quando os Cavaleiros Negros finalmente

atacam, Frodo se sente completamente apavorado e tenta resistir à tentação de usar o Anel para escapar do terror, mas a resistência rapidamente se torna impossível e ele coloca o Anel. Mesmo assim, ele demonstra coragem: "Frodo se jogou para a frente em direção ao chão, e ouviu sua própria voz gritando alto: *Ó Elbereth! Gilthoniel!* Ao mesmo tempo golpeou os pés do inimigo." (p.208) Com o golpe, ele se fere ainda mais, sendo também ferido pelo Inimigo. Mesmo em sua fraqueza, ele não abre mão do Anel: "num último esforço, deixando cair a espada, Frodo tirou o Anel do dedo e o apertou na mão direita." (p.208).

O próprio Frodo se dá conta da própria imaturidade ao pensar mais tarde no que havia feito. "Agora percebia que, tendo colocado o Anel, havia obedecido não apenas ao seu próprio desejo, mas também à vontade imperativa dos inimigos." (p.211) Mesmo com a dor aumentando, Frodo se mantém firme e não reclama, a não ser quando se torna impossível continuar, fato que também demonstra sua determinação.

Quando surge Glorfindel e o elfo cede seu cavalo élfico para Frodo, a fim de que este o leve na frente de todos eles para Valfenda, Frodo se revolta: "Não vou montá-lo, se ele me levar para Valfenda ou qualquer outro lugar, deixando meus amigos para trás e em perigo." (p.224). Isso demonstra que os amigos para ele estavam em primeiro lugar, na frente de si próprio, que se encontrava terrivelmente ferido e com sua vida por um fio. Mas Glorfindel ri, pois o perigo estava onde Frodo estava, sendo assim, se ele fosse na frente para Valfenda, os Cavaleiros Negros o seguiriam, deixando os outros hobbits em paz.

Já quase perdido, Frodo é levado pelo cavalo de Glorfindel para Valfenda, atravessando o Vau que levava até lá. Os Cavaleiros Negros o perseguem de perto, mas relutam ao chegar perto do Vau, não querendo tocar na água. Frodo, já tendo atravessado, se vira e os desafia, com a pouca força que lhe resta. "Voltem! - gritou ele. – Voltem para a Terra de Mordor, e não me sigam mais!" (p.227). Os Cavaleiros se divertem com isso e gritam de volta que irão levar Frodo para Mordor. Ainda assim, mesmo sendo zombado e sentindo suas forças se esvaírem Frodo ainda grita: "Por Elbereth e Lúthien, a Bela – disse Frodo um último esforço, levantando a espada. – Vocês não terão nem o Anel, nem a mim!" (p.227).

Nesta cena já se pode notar o contraste causado pela evolução de Frodo, pois ele já não é mais o mesmo hobbit que deixou o Condado e que tivera de se habituar a viver sozinho em Bolsão. Mesmo não possuindo a força de outras personagens, ele possui a coragem suficiente para, mesmo terrivelmente ferido, desafiar os Cavaleiros Negros. Já se nota de forma nítida que a personagem passou, claramente, por uma metamorfose, causada

pela jornada que tivera desde o Condado até ali. Cada instante de terror, cada situação difícil, cada perigo enfrentado, tudo isso o fortalecera e ele se descobriu forte e corajoso, sendo capaz de enfrentar tudo, chegando até mesmo a erguer uma espada contra os Cavaleiros e gritar para eles, mesmo sendo muito menor e mais fraco e estando com o outro braço completamente imobilizado pelo ferimento sofrido no Topo do Vento, que já quase o vencia. Frodo certamente já não era e também já não seria mais o mesmo, havia passado pelo processo de metamorfose que Campbell define como o ventre da baleia e em seu coração simples de hobbit já se anunciavam gestos de heroísmo. O simples hobbit estava prestes a se tornar, definitivamente, um herói.

Em Valfenda, encontra-se o momento de transição, como já foi visto, onde os hobbits têm um período de descanso, recuperação e tranquilidade. Com alegria, Frodo reencontra Gandalf e também Bilbo, além de poder conviver com os elfos. O próprio Gandalf reconhece a força que há em Frodo. "O ferimento estava finalmente vencendo-o. Mais algumas horas e não poderíamos mais ajudá-lo. Mas existe uma certa força em você, meu querido hobbit! Demonstrou isso no Túmulo. Aquilo foi muito arriscado" (p.231). Frodo também demonstra humildade ao reconhecer que, sem o auxílio de Passolargo, jamais teria conseguido chegar até ali. Ao conhecer o real perigo que enfrentara, Frodo percebe a sorte que teve. "Sim, a sorte ou o destino o ajudaram – disse Gandalf, para não falar na coragem. Seu coração não foi atingido, e apenas o ombro foi perfurado, e isso porque você resistiu até o último momento. Mas você escapou por um fio, como se diz." (p.234)

Mas agora a missão de Frodo estava completa, nada mais se exigia dele. O Anel estava temporariamente salvo em Valfenda, até que se decidisse o que fazer com ele. "Meu único pensamento foi chegar até aqui, e espero que não precise ir mais além. É muito agradável apenas descansar. Tive um mês de exílio e aventura, e acho que para mim chega." (p.233) Assim, ele se recupera e sente-se feliz novamente, sabendo que cumprira a missão que lhe fora incumbida. Agora, finalmente, poderia voltar para seu amado Condado e viver em paz pelo resto de seus dias. Nada mais ele precisava fazer. "Para Frodo, sua fuga perigosa e os rumores da escuridão crescendo no mundo lá fora já pareciam apenas lembranças de um sonho ruim." (p.253)

Porém, ocorre o Conselho de Elrond e, a partir desse ponto, a vida de Frodo muda totalmente, vida que agora poderia ser simples e vivida na maior tranquilidade em seu amado Condado. Tendo sofrido tudo o que sofrera para chegar até ali a salvo com o Anel, ninguém o julgaria nem condenaria por decidir levar a vida que quisesse e desfrutar de

tudo o que pudesse. No entanto, a própria personalidade de Frodo não permite que assim seja. Quando Frodo se dá por conta da dimensão do problema do Um Anel e de todos os malefícios que este vem trazendo para todas as terras – o que se nota a partir dos representantes das mais diversas raças e povos de toda a Terra Média que vem em busca do conselho de Elrond, considerado um sábio entre os sábios elfos – ele percebe que não pode simplesmente empurrar aquele fardo para cima de outros e viver em paz, enquanto o mal crescia em força e alcance.

É fato que o Anel não pertencia à Frodo, mesmo tendo sido passado a ele por Bilbo, mas tendo enfrentado aquela jornada até ali, Frodo se sente de certa forma responsável por toda aquela questão referente ao Anel. Elrond, no Conselho, declara que "foi ordenado que nós, que estamos aqui sentados, e ninguém mais, encontremos uma solução para o perigo do mundo" (p.256), perigo este representado pelo próprio Anel. Quando Elrond afirma, após longos debates e esclarecimentos sobre a situação em que a Terra Média se encontrava, que o único caminho em que poderiam ter esperanças de serem bem sucedidos era o de uma estrada imprevista, diretamente para o coração de Mordor, para destruir o Anel, Frodo "sentia uma escuridão mortal tomar-lhe o coração." (p.283)

Gandalf afirma, em dado momento: "devemos buscar um fim definitivo para essa ameaça, mesmo que não tenhamos esperança de alcançar tal objetivo" (p.282), o que já demonstra o caráter altamente perigoso e, inclusive, suicida da missão. Quem quer que se encarregasse dela, teria de, literalmente, abrir mão da própria vida, pois as chances de não retornar com vida eram muito grandes. Não era a mesma coisa que sair do Condado e vir até Valfenda, mesmo com um bando de Cavaleiros Negros no encalço deles. Ir para o coração de Mordor significava entrar no domínio do Inimigo, onde, sem sombra de dúvida, havia horrores ainda maiores que os Cavaleiros Negros, que também eram servos do Inimigo. Sendo assim, quem, daqueles ali presentes, seria encarregado de tal missão? Essa é a questão mais difícil e para a qual ninguém parece querer dar uma resposta.

> Ninguém respondeu. O sinal do meio-dia tocou. Mesmo assim, ninguém falava nada. Frodo olhou para todos os rostos, mas eles não estavam voltados para ele. Todo o Conselho se sentava com os olhos para baixo, pensando profundamente. Um grande pavor o dominou, como se estivesse aguardando o pronunciamento de alguma sentença que ele tinha previsto havia muito tempo, e esperado em vão que afinal de contas nunca fosse pronunciada. Um desejo incontrolável de descansar e permanecer em paz ao lado de Bilbo em Valfenda encheu-lhe o coração. Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras […]:
> – Levarei o Anel – disse ele. – Embora não conheça o caminho. (p.286)

É a partir desse exato momento que Frodo pode ser, de fato, considerado um herói. Ao longo de sua trajetória até ali ele já havia aprendido muito e certamente já suspeitava que aquilo tudo não acabaria com a chegada deles em Valfenda e que aquela era uma solução temporária, até que se encontrasse uma solução melhor. E esta foi encontrada, a única solução de fato: destruir o Anel. Frodo sabia em seu íntimo, como se percebe no trecho anterior, embora ele nunca tivesse aceito essa possibilidade, que muito provavelmente aquela tarefa sobraria para ele, como, nas palavras dele, uma sentença que ele nunca gostaria de ver pronunciada. Pois ninguém mais se pronunciara, ninguém parecia disposto a assumir aquele fardo tão pesado. Mas o mais jovem e o menor daqueles que estavam presentes no Conselho foi quem se incumbiu da perigosa jornada.

Seria Frodo quem iria até o fogo da Montanha da Perdição, no coração de Mordor, para destruir o Anel, mesmo que seu coração desejasse, mais do que nunca, ficar apenas em paz em uma vida tranquila. Ninguém o teria condenado caso ele nada tivesse dito e decidisse que não faria parte daquilo, por já ter feito o bastante enfrentando todos os perigos que enfrentara chegando até ali. Mas Frodo sabia que, para si mesmo, aquilo não era suficiente. Ele começara, ele iria findar aquela tarefa. Mesmo tendo tantos outros mais sábios, mais fortes e muito mais corajosos que ele reunidos naquele Conselho, ele foi o único capaz de se manifestar em meio ao silêncio reinante, dominado pelo pavor que aquela missão representava.

É aqui que Frodo se torna um herói. O herói, de acordo com Campbell, é aquele que "conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas" (p.28), ou seja, é aquele indivíduo que é capaz de abrir mão de sua própria identidade, de si mesmo e de sua vida particular, de tudo o que possui, em função de um bem maior, em função de algo pelo bem da humanidade, ou dos outros. É alguém, portanto, capaz de ir além de si mesmo e que deixa de se limitar apenas pelas particularidades de sua vida pessoal, às quais é tão fácil de se prender, e passa a olhar para uma realidade maior, se disponibilizando a agir sobre ela, em vista de algo maior. Frodo abriu mão de tudo que seu coração desejava: a paz, o Condado, viver ao lado de Bilbo, a tranquilidade de Valfenda, uma vida feliz, tudo em função de algo maior: a salvação de seu amado Condado e, mais ainda, de todos os povos livres da Terra Média. Ele se torna, então, o representante da luta pela liberdade contras as forças opressoras do mal, que insistem em dominar a Terra Média e levar todos para as sombras da escravidão.

Aqui ocorre outra transição importante e destacável: com a missão que Frodo assumiu para si, ele deixa de ser o que Propp chama de herói-vítima para se tornar o

chamado herói-que-demanda. O primeiro vem a ser um herói que, em termos gerais, não pediu pela aventura – como no caso de Frodo, no início da narrativa de *A sociedade do anel* – e que, subitamente, se viu em meio a ela, sendo, assim, uma vítima, mas que também é herói por ter aceito o chamado. O segundo, o herói-que-demanda, é aquele que, ao contrário do anterior, não é levado para a aventura, mas que decide agir por si próprio, ou seja, a decisão pela aventura parte dele mesmo. No momento em que Frodo diz "levarei o Anel", ele decide, por si próprio, assumir o fardo para si. Ocorre, portanto, uma transição de herói-vítima para herói-que-demanda, em relação à Frodo, pois seu posicionamento diante da aventura modificou-se e agora é voluntário e não obrigatório.

O momento em que o herói-que-demanda decide agir é marcado, segundo a teoria de Propp, por declarações e a decisão precede, evidentemente, a demanda. Frodo, porém, não parte em demanda de alguém, como muitos outros heróis, mas de algo (o Um Anel) e por toda a Terra Média, não por alguém em específico. Propp também define que "a partida do herói-que-demanda é, além disso, diferente da do herói-vítima. O primeiro tem por finalidade uma busca, o segundo dá os primeiros passos sem a intenção de procura, numa estrada onde o esperam todas as espécies de aventuras" (p.80). Isso também pode ser verificado na aventura de Frodo, pois, quando ele é o herói-vítima, no começo da história, ele está em uma fuga, motivada pelos Cavaleiros Negros. Agora, quando se transforma no herói-que-demanda, sua missão passa a ser uma busca de fato, pois ele deve encontrar um meio de chegar à Mordor e destruir o Anel, salvando a Terra Média das garras do Senhor do Escuro. No ontem, Frodo era um herói-vítima, que sonhara que sua tarefa tinha sido cumprida e que agora poderia descansar por um bom tempo, talvez para sempre (p.289); no hoje, Frodo transformou-se em um herói-que-demanda, que incumbiu a si mesmo um fardo, uma demanda difícil, a missão de uma vida.

Verifica-se, portanto, toda a transformação que já ocorreu com a personagem que no início aterrorizara-se com o simples fato de ter de partir, deixando seu amado Condado para trás e que agora, mesmo diante de pessoas maiores que ele nos sentidos mais diversos, assumira para si aquele fardo, abrindo mão de tudo que antes considerava essencial. Esse ponto da narrativa, em que Frodo assume sua missão, é o ponto que marca com exatidão sua metamorfose. Quando deixara o Condado já deixara de ser o simples hobbit que lá vivia em paz, mas essa transformação tinha a possibilidade de ser temporária, pois ele pretendia voltar. Assim, ele era o simples hobbit que saíra para uma aventura – como Bilbo fizera, anteriormente. Mas, a partir do instante em que assumira o fardo para si, ele deixara de ser o jovem hobbit aventureiro para se converter em um herói, aquele que abre mão de

tudo pelo bem de todos.

Além disso, se voltarmos àquela ideia anterior em que o Condado, o refúgio do indivíduo, poderia ser comparado à infância ultrapassada, poderia-se estabelecer um paralelo também com essa cena agora analisada. Esse seria, então, o momento que marca, além de tudo o que já foi mencionado, o próprio amadurecimento de Frodo, o ponto em que ele decide por si mesmo o que fará de sua vida, em outras palavras, escolhe a missão que deseja abraçar em sua vida.

A impressão inicial dos hobbits, ao partirem na Demanda com a Comitiva do Anel, designada por Elrond, é a de que "embora caminhassem e tropeçassem até se sentirem exaustos, estavam se arrastando como lesmas, sem chegar a lugar algum. A cada novo dia, a região parecia ser a mesma do dia anterior" (p.299-300). Essa sensação que era comum apenas aos hobbits, os únicos da Comitiva que ainda podiam ser considerados jovens e inexperientes, é também uma sensação comum logo no começo de uma jornada – seja ela qual for – para qualquer indivíduo que ainda não tem marcado em sua fronte a experiência de vida ou em suas palavras a voz da sabedoria que vem com o tempo e com a vivência.

Mencionou-se anteriormente que, durante a trajetória de amadurecimento dos hobbits, percorrida do Condado até Valfenda, os perigos enfrentados serviram para fortalecê-los e colaborar no crescimento pessoal de cada um. No caso de Frodo, o pior de tudo foi o ferimento que sofrera no Topo do Vento e que quase o vencera. Mas o hobbit permaneceu firme e forte e, com sua resistência, conseguiu vencer o ferimento. Porém, este também deixou suas consequências que, por incrível que pareça, revelaram-se positivas: "Os sentidos de Frodo estavam mais aguçados e sensíveis a coisas que não se podiam ver. Um sinal de mudança de que logo teve consciência foi o fato de poder enxergar mais no escuro que qualquer um de seus companheiros, talvez com exceção de Gandalf." (p.331). Em outros termos, o maior dano provocado pelo Inimigo até então revelou-se útil, tornou-se algo vantajoso para Frodo, apesar de tudo.

A cena anterior, em que Frodo se dá por conta de seus 'novos dons', ocorre na escuridão das Minas de Moria. É lá também que tem-se exemplos de como os hobbits – principalmente Merry e, especialmente, Pippin – ainda são imaturos e imprudentes. Há uma cena em que a Comitiva encontra uma espécie de câmara onde talvez pudessem descansar naquela noite e, ansiosos, os dois jovens hobbits correm para dentro da câmara, à tempo de ainda serem impedidos por Gandalf, que repreende: "Calma! Vocês ainda não sabem o que está aí dentro. Vou na frente." (p.332). Não bastasse isso, Pippin, provavelmente o mais imprudente de todos, simplesmente joga uma pedra dentro do poço,

sentindo uma vontade irresistível de descobrir sua fundura. Recebe uma severa apreensão de Gandalf: “Seu Tûk tolo! - rosnou ele. – Esta é uma viagem séria, não um piquenique de hobbits. Atire-se da próxima vez, e então não vai mais atrapalhar. Agora, fique quieto!” (p.332).

Frodo, ao contrário, talvez pelo fato de que sua tarefa era a mais árdua de todas, parece já ter amadurecido o suficiente para manter a cautela e para, até mesmo, guardar para si seus próprios pensamentos, se expondo pouco para os demais – fato claramente visto quando parte da Comitiva está conversando e toca no assunto do colete de mithril que, embora nenhum deles desconfie, Frodo está usando. É nesse instante também que Frodo mais uma vez sente uma saudade infindável da simplicidade de sua vida como ela era antes, desejando que sua tarefa fosse mais simples, como cortar a grama, por exemplo, e não, ao invés disso, consistir em dirigir para o coração do local mais temível e aterrorizante de toda a Terra Média:

> nesse momento seus pensamentos foram levados das Minas escuras para Valfenda, para Bilbo, e para Bolsão na época em que Bilbo ainda estava lá. Desejou com toda a força de seu coração estar de volta ao lar, e naqueles dias, cortando a grama, ou lidando com as flores, e nunca ter ouvido sobre Moria, ou *mithril* – ou o Anel. (p.337)

Além disso, a coragem, que Frodo muitas vezes julgava não ter, reconhecendo primeiramente seus medos, desperta nos momentos mais improváveis. No momento em que, estando presos nas Minas, na Câmara de Mazarbul, a Comitiva se vê sendo atacada por orcs ferozes e trolls, Frodo sente sua coragem despertar:

> De repente, e para sua própria surpresa, Frodo sentiu uma ira feroz acender em seu coração. – O Condado! - gritou ele e, avançando num salto para o lado de Boromir, abaixou-se e apunhalou com Ferroada o pé asqueroso. Ouviu-se um urro, e o pé recuou de supetão, quase arrancando Ferroada do braço de Frodo. (p.345)

É mais uma vez pelo Condado que ele vai em frente e, pela primeira vez, ataca o seu inimigo. Nessa mesma batalha, pouco depois, um líder dos orcs invade a Câmara onde se encontrava a Comitiva, e, afastando os outros, investe logo na direção de Frodo com sua lança e, sem que os outros fossem capazes de evitar, Frodo é espetado pela lança contra a parede. Todos pensam que Frodo morreu, mas ele surpreende a todos, especialmente a Aragorn que o carregava, pedindo para que o pusesse no chão. O colete de mithril, presente de Bilbo, provara seu valor.

Mas, mesmo vivo, Frodo está ferido, assim como Sam. A Comitiva escapa de Moria, perdendo Gandalf por conta do ataque do balrog, superior a qualquer um deles e segue seu caminho com pressa, fugindo dos orcs que os perseguem. Frodo e Sam acompanham o passo dos outros sem uma única palavra em protesto e é apenas quando eles ficam para trás que os outros lembram que eles estão feridos e precisam de cuidados. Essa é uma marca de Frodo: mesmo ferido, se é necessário que continuem, ele vai em frente e de sua boca não salta uma palavra, por mais que ele sinta a dor ou o cansaço lhe consumirem. O mesmo acontece em outros momentos da narrativa, assim como ocorrera logo após o ferimento no Topo do Vento, em que tiveram de seguir a marcha para Valfenda, fugindo dos Cavaleiros Negros o mais rápido possível. Essa atitude demonstra que o jovem hobbit está sempre mais preocupado com os outros ou com o objetivo que necessita ser alcançado no momento, do que com suas próprias dificuldades momentâneas. É, sem dúvida, uma marca de grandeza pessoal.

A andança pela bela terra élfica de Lórien fortalece a Comitiva e, especialmente, a Frodo que, como também carregava o Condado em seu interior, "quando tivesse partido e entrado outra vez no mundo de fora, Frodo, o andarilho do Condado, ainda estaria caminhando ali, sobre a relva e por entre os *elanor* e *niphredil*[*] da bela Lothlórien." (p.373) Ou seja, mesmo depois que tivesse partido daquela bela terra, continuaria carregando o encanto dela dentro de si, como uma fonte de esperança e de força contra o mal e as trevas que tinha de enfrentar em sua jornada.

É em Lothlórien que se pode perceber com nitidez o quanto Frodo amadureceu no percurso de sua aventura, aspecto notável especialmente por meio de seu diálogo com os outros e com a própria senhora élfica, Galadriel. Esta passa toda a Comitiva por uma espécie de teste quando os encontra e, após serem dispensados, todos comentam sobre a situação, enquanto Frodo permanece em silêncio. Boromir, curioso e desconfiado, questiona Frodo: "Ela o fitou por mais tempo, Portador do Anel" (p.380), no entanto, Frodo rebate com agudez "o que quer que tenha entrado em minha mente, lá deve ficar" (p.381). Este já é um exemplo da cautela e da inteligência de Frodo, frutos de seu amadurecimento. Ele sabe quando calar e quando falar e, mais ainda, sabe também o que deve ou não dizer.

Mas o momento em que mais se pode perceber seu amadurecimento é quando ele conversa com Galadriel que, sendo uma senhora élfica, é muito superior a ele em sabedoria. Esta oferece a ele e a Sam a oportunidade de olhar em seu espelho, que pode

---

[*] Flores élficas.

revelar coisas do passado, do presente e do futuro. Quando ela pergunta a Frodo se este também deseja olhar, ele rebate o questionamento dela com outro, pergunta se ela o aconselharia que olhasse. Galadriel, por sua vez, diz ao hobbit que este possui tanto a sabedoria quanto a coragem para fazê-lo. Frodo o faz e, ao final de uma longa visão, acaba vendo o Olho de Sauron, que tudo vê e que nunca dorme, sempre buscando pelo Um Anel perdido. Galadriel, que sabe o que Frodo viu, conversa então com o hobbit sobre isso. E é então que Frodo aplica uma espécie de teste a ela – em resposta ao teste que ela mesma lhe aplicara na chegada deles –, oferecendo a ela o próprio Anel: "A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela – disse Frodo. – Dar-lhe-ei o Um Anel se assim o desejar. Esse peso é demais para mim." (p.388). A senhora élfica ri, pois Frodo foi sábio e ela mesma confessa que o jovem hobbit começa agora "a enxergar com olhos agudos" (p.388).

A Comitiva, já prestes a se romper, deixa Lothlórien e segue seu rumo. Por mais que adiassem, logo a terrível decisão sobre o caminho que deveriam seguir já nubla os corações deles e a decisão final recai justamente sobre Frodo. Aragorn pede que ele faça sua escolha, pois sendo o Portador do Anel, só ele poderia decidir seu caminho. Frodo precisa pensar e, quando está afastado da Comitiva, Boromir o segue. A princípio, Frodo conversa com ele, sem suspeitar de suas intenções. E, com humildade, reconhece sua própria fraqueza: "sei o que devo fazer, mas tenho medo de fazê-lo, Boromir: tenho medo" (p.423). Seu próprio diálogo com Boromir e seus argumentos inteligentes contra a tentativa de Boromir de fazer com que ele mudasse de opinião, já são mais uma prova da sabedoria de Frodo, provando o quanto ele amadureceu.

Frodo sabia muito bem qual era o caminho que deveria tomar, o que de fato deveria fazer, mas aquilo o apavorava, pois era o passo definitivo em direção à morte e, apesar disso, a única solução possível. Quando pensa sobre o que acabou de ocorrer, quando Boromir tentou lhe tomar o Anel, ele entende que o mal já está próximo a ele, dentro da própria Comitiva e isso faz com que ele finalmente reúna as forças necessárias para o passo final que deve dar em direção ao seu destino.

> Frodo se levantou. Estava tomado por um grande cansaço, mas com a disposição firme e o coração mais leve. Falou alto para si mesmo: 'farei agora o que devo', disse ele. 'Pelo menos isto está claro: a maldade do Anel já está operando até mesmo na Comitiva, e o Anel deve abandoná-los antes que lhes cause mais danos. Irei sozinho. Em alguns não posso confiar, e aqueles em quem confio me são muito caros: o pobre Sam, e Merry e Pippin. Passolargo também: seu coração deseja ir para Minas Tirith, e ele será necessário lá, agora que Boromir foi tomado pelo mal. Irei sozinho. Imediatamente. (p.428)

Este trecho demonstra o instante exato em que Frodo decidiu, por fim, ir em busca de seu destino, sem mais esperar. É interessante que ele não toma a decisão pensando em si mesmo, em momento algum; ele pensa nos outros, nos seus companheiros, que estarão à mercê do mal enquanto estiverem próximos a ele. Assim, para que ninguém mais seja atingido pelo mal ou prejudicado por causa dele, ele decide ir sozinho. "Odeio a ideia de deixá-los, ainda mais desta forma, sem qualquer explicação. Mas certamente irão me entender. Sam entenderá." (p.428). E assim, juntando as forças que lhe restam, Frodo vai em frente, decidido.

Essa decisão final é um marco de seu amadurecimento e de sua metamorfose de simples hobbit a herói, sendo tão marcante quanto o instante em que ele decidiu ser aquele que levaria o Anel e assumiu para si aquela terrível missão. Pois, neste momento final, ele demonstra sua grandeza, quando se nota que ele faz sua escolha não pensando em si e em seus medos, mas levando em consideração os outros, seus próprios companheiros. E é isso que um herói faz, ele não pensa em si, mas nos outros, sacrificando, muitas vezes, seu próprio bem pelo bem dos demais.

Pode-se notar, a partir do que foi explanado, que a personagem Frodo passou por uma metamorfose marcante, amadurecendo durante todo o percurso de sua aventura, aprendendo com seus erros e se fortalecendo, passando de um simples hobbit que vivia alheio em um canto do Condado a um notável herói, capaz de sacrificar sua própria vida pelo bem dos outros. Neste ponto, quando Frodo decide que tomará o caminho que leva diretamente ao coração de Mordor é que termina sua trajetória no primeiro volume da trilogia, continuando no seguinte, *As duas torres*. Embora Frodo ainda passe por muitos outros acontecimentos no decorrer da trilogia, chegando até mesmo a fraquejar no último momento, isto não cabe ser analisado aqui. Sendo assim, a partir do que aqui foi explanado e dos exemplos apresentados, referentes a este primeiro volume da trilogia, pode-se sim considerar Frodo como um notável herói.

4.1 A amizade e o seu papel na narrativa

É importante notar, ao observar a história como um todo, especialmente quando se analisa a trajetória de amadurecimento de Frodo, que, se não fosse pelos auxiliares mágicos e figuras protetoras que apareceram no caminho de Frodo, ele jamais teria chegado até o ponto final de sua missão, como ele próprio reconhece, por exemplo, ao chegar em Valfenda que sem Passolargo/Aragorn guiando-os até ali, eles jamais teriam

conseguido. (p.232).

Mas, além dessas figuras, há outro elemento fundamental para o sucesso da missão de Frodo: a amizade. Desde o início e em todos os momentos da aventura, ela está presente e pode ser considerada como um elemento crucial, pois é a força da amizade que fortalece os corações dos jovens hobbits e que dá o suporte para a coragem e forças necessárias para que vençam os perigos que se põem diante deles. Também por isso quando Gandalf incumbe Sam de partir do Condado com Frodo isso pode ser considerado como o melhor auxílio que Gandalf poderia ter dado a Frodo, pois Sam é, em meio a outros exemplos e em toda a aventura, sem esmorecer, o maior símbolo de lealdade, firmeza e perseverança, como se verá.

É com a ajuda dos amigos que, no início da aventura, Frodo consegue o disfarce ideal para que sua partida do Condado permanecesse em segredo pelo menos até que estivesse distante: ele finge que irá se mudar para uma modesta casa na Terra dos Buques. Merry, Pippin, Fredegar e Sam ajudam Frodo com tudo o que é necessário, desde a bagagem até a mudança de fato e a organização da nova casa. "Frodo olhou em volta. A aparência era de um lar. Muitas de suas coisas favoritas [...] estavam arrumadas do modo mais semelhante possível à sua disposição em Bolsão. Era um lugar agradável, confortável, acolhedor." (p.105-6).

A amizade está presente em muitos dos conselhos dados. Quando, ainda dentro do Condado, os hobbits encontram um grupo de elfos, que os salvam dos Cavaleiros Negros, o conselho dado por Gildor é justamente o de confiar na amizade. "se Gandalf não chegar antes de sua partida, então também aconselho o seguinte: não vá sozinho. Leve amigos, que sejam confiáveis e prestativos." (p.86)

Sam sempre tivera o desejo de ver elfos, motivados pelas histórias do velho Bilbo. Antes mesmo de sair do Condado, ele tem essa oportunidade e, já tendo realizado seu desejo, Frodo lhe pergunta se ele realmente ainda quer partir, agora que seu desejo já se realizou. Já tendo visto os elfos, ele poderia simplesmente voltar para o Condado e seguir sua vida em paz. Mas Sam não concorda, sabendo que deve continuar, ainda mais depois de sua conversa com os elfos: "Sei que vamos pegar uma estrada muito longa, para dentro da escuridão; mas sei também que não posso voltar. […] não sei direito o que quero: mas tenho alguma coisa para fazer antes do fim, e ela está lá na frente, longe do Condado." (p.90)

Sam é, sem dúvida, o maior exemplo de amizade e lealdade que se pode encontrar em toda a trilogia e há dezenas de exemplos claros disso. Ainda no início, quando, não

acostumados com o peso das mochilas sobre as costas, Frodo reclama do peso, Sam se dispõe a carregar ainda mais, mesmo sabendo que já tem peso demais sobre as costas: "Consigo carregar bem mais, senhor. Minha mochila está bem leve." (p.72) Mas Frodo e Pippin sabem que não é verdade e não aceitam a oferta de Sam. É interessante notar também que Sam é, na realidade, o jardineiro de Frodo e, por isso, o chama de senhor ou patrão, mas em nenhum momento Frodo o trata como inferior a si mesmo, ao contrário, ele próprio também se preocupa com Sam, como a um amigo.

Um exemplo claro disso se encontra ainda no início também, quando Frodo está prestes a deixar o Condado e então percebe que não seria, de forma alguma, capaz de exigir que algum de seus amigos fosse com ele:

> "Não! Eu não poderia!" disse ele consigo mesmo. "Uma coisa é levar meus jovens amigos para passear pelo Condado, até ficarmos famintos e cansados, quando temos boa cama e comida. Levá-los para o exílio, onde a fome e o cansaço podem não ter cura, é bem diferente – mesmo que se julguem dispostos a vir. (p.89-90)

E Frodo tenta convencer a Sam que não é necessário que ele o acompanhe, pois será uma aventura muito difícil: "Vai ser muito perigoso, Sam. Já está perigoso. Existem grandes chances de nenhum de nós voltar vivo." (p.90). Ao que Sam responde, demonstrando, mais uma vez, sua lealdade ao amigo – pois esta lealdade não era uma mera lealdade para com o patrão, mas sim, uma lealdade para com um grande amigo: "Se o senhor não voltar, então certamente também não voltarei, isto é certo" (p.90).

Uma das cenas mais lindas de toda a narrativa está descrita no capítulo *Conspiração desmascarada*, quando Frodo se vê diante de uma despedida dolorosa: ele tem de deixar o Condado, mas não sabe como dizer isso a seus amigos. E é então, para sua grande surpresa, que ele descobre que seus amigos já estavam a par de tudo, tendo, inclusive, feito seus próprios planos, pois os amigos tinham pavor de que Frodo pudesse lhes "passar a perna e ir embora de repente sozinho" (p.109). Pippin declara, em nome de todos eles:

> "– Você precisa ir – portanto nós precisamos ir também. Merry e eu vamos com você. Sam é um sujeito excelente, e pularia dentro da garganta de um dragão para salvá-lo, se não tropeçasse nos próprios pés; mas você precisará de mais de um companheiro nesta aventura perigosa." (p.109)

Frodo fica emocionado. E eles continuam:

> Pode confiar em nós para ficarmos juntos com você nos bons e maus momentos, até o mais amargo fim. E pode confiar também que guardaremos qualquer um de seus segredos – melhor ainda do que você os guarda para si. Mas não pode confiar que deixaremos que enfrente problemas sozinho, e que vá embora sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo. […] Estamos com um medo terrível, mas iremos ao seu lado. (p.111)

Esse é o momento em que a amizade mais revela sua força dentro da narrativa. Os amigos, tendo a oportunidade de viverem felizes para sempre no Condado, abrem mão de tudo para seguir a Frodo, para não deixar que ele enfrente sozinho os terríveis perigos que naquele momento já estão muito próximos a ele. Mesmo já tendo enfrentado um pouco do terror dos Cavaleiros Negros, isso não os esmorece e eles seguem dispostos a ir com Frodo. Apenas Fredegar decide que ficará para trás, mas mesmo assim auxilia no disfarce da partida de Frodo, usando suas roupas e fingindo ser ele por um bom tempo, mesmo com todo o perigo que aquilo representa.

E Sam se mostra um grande auxílio, sempre vigilante e atento ao que acontece, revelando também uma coragem extraordinária. O primeiro ponto em que se pode notar claramente a coragem de Sam é quando estão em Bri, no Pônei Saltitante e, ao encontrarem Passolargo, Sam fica desconfiado e decide não acreditar nele. "Esse Passolargo, ele nos previne e recomenda cuidado, e com isso concordo e digo *sim*; podemos começar por ele." (p.176) Sam não se deixa intimidar pelo guardião e chega até mesmo a enfrentá-lo, olhando-o com desconfiança (p.181). Passolargo elogia a coragem do hobbit.

Quando estão no Topo do Vento, momento em que são atacados pelos Cavaleiros Negros, Frodo se desespera ao ver que não há saída. Passolargo põe a mão sobre o ombro dele e diz: "Ainda há esperança. […] Você não está sozinho." (p.202) Assim, a amizade se torna a saída outra vez e são os amigos que tomam conta de Frodo quando ele se encontra ferido terrivelmente. "Os amigos cuidavam dele, aquecendo-lhe o corpo e banhando o ferimento." (p.210). Ao passo que os hobbits, especialmente Sam, ficam muito preocupados com o estado de Frodo, quando este se vê curado em Valfenda, a alegria dos amigos é indescritível. E é Gandalf quem revela a Frodo a preocupação de Sam: "Sam quase não deixou o seu lado, dia ou noite, a não ser para levar recados." (p.234).

Um dos maiores exemplos da amizade dos hobbits para com Frodo, além do exemplo inicial de quando se dispuseram para a aventura, está no momento em que eles decidem ir com Frodo também em sua jornada escura para a Terra de Mordor, por mais terrível que essa escolha pudesse ser. Dos hobbits, apenas Frodo havia sido convocado para o Conselho, mas ao ouvir a decisão de Frodo de ser aquele que levaria o Anel, Sam

literalmente invade o Conselho, exigindo ser designado como companheiro de Frodo: "– Mas certamente o senhor não o enviará sozinho, Mestre! - gritou Sam, incapaz de se conter por mais tempo, e pulando do canto onde tinha estado sentado, quieto, sobre o chão." (p.286)

Da mesma forma, quando Merry e Pippin ficam sabendo que Sam iria junto com Frodo e eles não, eles ficam indignados: "É a coisa mais injusta que já ouvi. […] Em vez de expulsá-lo e acorrentá-lo, Elrond vai e o *recompensa* por esse descaramento!" (p.289). Frodo, de sua parte, não consegue compreender o que os hobbits veem de recompensa em tal escolha, ao que os hobbits declaram: "estamos com inveja de Sam, não de você. Se precisa ir, então será uma punição para qualquer um de nós ser deixado para trás, mesmo aqui em Valfenda. Viemos com você por uma longa estrada, e passamos maus pedaços. Queremos prosseguir." (p.289) Não há exemplo mais claro de amizade que este, pois, mais uma vez, e por livre e espontânea vontade, os hobbits abrem mão vida maravilhosa que poderiam ter para, ao lado de Frodo, irem para uma jornada escura e perigosa. O próprio Gandalf reconhece que força da amizade seja, talvez, mais importante e valiosa ao enfrentar os perigos que se colocam diante deles, do que qualquer arma ou outra força possível:

> É verdade que se esses hobbits entendessem o perigo não ousaria ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar, ficando envergonhados e infelizes. Eu acho, Elrond, que nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria. (p.293)

Elrond ainda tenta deter a ida dos hobbits, pedindo para que, pelo menos, o mais jovem, Pippin, fique para trás. Mas Pippin bate o pé: "Então, Mestre Elrond, o senhor terá de me acorrentar em uma prisão, ou me mandar para casa amarrado num saco. […] Pois, de outro modo, seguirei a Comitiva." (p.294). E assim a Comitiva é formada.

No decorrer da trajetória da Comitiva, Sam está sempre próximo de Frodo. Ele guarda em sua mochila, inclusive, alguns objetos esquecidos por Frodo, para o caso deste necessitá-los. (p.298). É Sam também quem primeiro tenta resgatar Frodo, quando, às portas das Minas de Moria, a criatura dos tentáculos agarra Frodo. Nos momentos de medo ou dor, eles se apoiam um no outro: "Frodo respirou fundo e se apoiou em Sam, que passou os braços em volta dele. Ficaram ali, olhando para a escuridão." (p.346). Sam é para Frodo uma companhia constante, que lhe dá esperanças e coragem. Os dois, juntos, compartilham medos, sonhos, esperanças, impressões e até mesmo da dor – como, por exemplo, quando sentem a falta de Gandalf e, juntos, compõem uma canção para lembrá-

lo. (p.382-3).

Sam, enquanto a Comitiva está em Lórien, também tem a oportunidade de olhar no Espelho de Galadriel, assim como Frodo. Mas o que vê é tão terrível e apavorante que ele se vê às lágrimas, pois há maldade também no próprio Condado e seu próprio pai sofria. Sam fica desnorteado, mas, mesmo assim, ao se acalmar, percebe que primeiro tem de cumprir sua missão, mantendo-se ao lado de Frodo até o fim: "Não, vou para casa pela longa estrada com o Sr. Frodo, ou não vou." (p.386).

Na última etapa da aventura, quando Frodo tem de decidir seu próprio caminho e, como já visto, ele decide ir sozinho por amor a seus próprios amigos, pois não era capaz de levá-los consigo para aquela estrada tão escura e perigosa, Sam adivinha os pensamentos de Frodo, sabe que ele está com medo da estrada que se põe diante dele, e, por isso mesmo, descobre o que Frodo pretende fazer antes mesmo que o faça: "Se conseguir criar coragem para ir, vai querer ir sozinho. Ouçam o que digo! Vamos ter encrenca quando ele voltar. Pois é certeza que vai criar coragem. Certo como seu nome é Bolseiro." (p.430). E Sam, que conhecia Frodo melhor que qualquer um, está correto.

A Comitiva, porém, se vê perdida e confusa. Ninguém sabe onde Frodo está e todos saem para procurá-lo, ao mesmo tempo que os orcs vão invadindo o local. Sam sabe que Frodo pretenderá ir sozinho, até mesmo sem levar ele, e então volta aos barcos, pois acredita que Frodo se dirigirá para lá, para recolher suas coisas antes de partir. Neste momento, Sam demonstra grande inteligência, pois suas suposições estão corretas. Ao chegar no ancoradouro, Sam avista um barco se afastando e sabe que Frodo está nele. Então, com grande coragem, mesmo não sabendo nadar, ele se lança à água, tentando alcançar o barco e quase se afoga, sendo salvo por Frodo.

> – Ó, Sr. Frodo, isso é duro! - disse Sam tremendo. – Isso é duro, tentar ir embora sem mim e tudo o mais. Se eu não tivesse adivinhado certo, onde o senhor estaria agora?
> – A caminho e a salvo.
> – A salvo! - disse Sam. – Completamente sozinho sem mim para ajudá-lo? Eu não agüentaria, seria a morte para mim.
> – Seria a morte para você ir comigo, Sam. - disse Frodo. – E eu não agüentaria isso.
> – Não seria uma morte tão certa quanto a de ser deixado para trás. - disse Sam.
> – Mas estou indo para Mordor.
> – Sei muito bem disso, Sr. Frodo. Claro que o senhor vai. E eu vou também. (p.433)

Sam não se importa com a estrada terrível que terá de pegar e com todos os perigos mortais que enfrentará permanecendo ao lado de Frodo. Sua única preocupação é a de estar

ao lado dele, de poder acompanhá-lo, onde quer que ele vá. Sua determinação é tocante e Frodo não é capaz de impedi-lo: “Também vou, ou nenhum de nós vai. Vou fazer buracos em todos os barcos primeiro.” (p.433) Assim, os dois partem juntos, mais uma vez.

A amizade, como visto, está o tempo todo presente na narrativa, modificando, muitas vezes, os próprios acontecimentos da aventura. Sam, o maior exemplo de amizade da narrativa, não esmorece em momento algum e abre mão de tudo em função de Frodo. É interessante notar que, se não fosse pelos amigos, Frodo muito provavelmente não teria nem mesmo conseguido sair dos limites do Condado, muito menos enfrentar e fugir dos Cavaleiros Negros, chegando até Bri. A amizade desempenha, portanto, um papel fundamental na aventura de Frodo e, por conseguinte, é essencial em sua própria transformação pessoal, de um simples hobbit a herói.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi explanado e nas análises feitas, pode-se notar que os heróis e suas aventuras, sempre presentes na vida do ser humano, são sempre os mesmos, no fim das contas, mesmo que possuam as características mais diversas. Qualquer conto maravilhoso pode se adequar à estrutura morfológica da aventura, proposta por Propp. Qualquer herói da aventura se encaixa no arquétipo do herói definido por Campbell. Com Frodo e sua aventura não foi diferente, como se pôde observar por meio da análise da narrativa de *A sociedade do anel*, que também se encaixou perfeitamente em ambas as teorias.

É interessante perceber que, de fato, as aventuras diferem entre si, mas em sua essência são as mesmas que já ocorrem há muito tempo e que continuam ocorrendo hoje. Do mesmo modo, é também fascinante notar que os heróis, sejam eles quais ou como forem, deste ou do outro lado do planeta ou de mundos fictícios, diferindo em personalidade e/ou atitudes, são, no fim, os mesmos. Ou seja, o herói pode ter mil faces diferentes, mas, no fundo, é sempre o mesmo em sua essência.

A narrativa de *A sociedade do anel* é rica em elementos a serem analisados. Como foi visto, o jovem hobbit Frodo pode ser considerado o herói da história, por suas atitudes no decorrer de toda a aventura, abrindo mão de si mesmo e de qualquer coisa que desejasse pelo bem dos outros seres e de seu amado Condado. Um herói não é aquele que pensa em si mesmo, ao contrário, é justamente aquele que abre mão de qualquer coisa em função de um bem maior. Frodo abriu mão de tudo aquilo que mais queria, de poder voltar e viver uma vida tranquila e em paz no Condado, para ir para o pior lugar de toda a Terra Média, pois compreendia a dimensão do problema que o Um Anel trazia para a vida de todos e, assim, quando todos se calaram, ele foi quem se dispôs a assumir aquela missão. Portanto, Frodo é um herói.

Pode-se também notar o amadurecimento dos hobbits no decorrer da narrativa, especialmente desde que saíram do Condado até o instante em que partem para a aventura definitiva, partindo de Valfenda. Em especial, o crescimento pessoal de Frodo, que adquiriu, com todos os obstáculos e situações difíceis, toda a sabedoria, força e coragem necessárias para assumir, por vontade própria, aquele terrível fardo e ir em frente.

Porém, Frodo jamais teria conseguido se estivesse só. Esse é um ponto fundamental na análise da narrativa, pois nenhuma das personagens conseguiria qualquer coisa se não tivesse o apoio dos outros. É justamente a união e a amizade que traz a coragem e a

capacidade de que eles necessitam para vencer qualquer força do mal. Em especial, merece destaque a amizade entre os hobbits, que desde antes mesmo de saírem do Condado já se faz presente e que acaba desempenhando um papel fundamental, não apenas neste primeiro volume, mas em toda a trilogia como um todo.

Quando finalmente encontra sua coragem e decide ir em direção ao perigo e ao terror de Mordor, é pela amizade leal que encontra em Sam, que o conhece mais do que qualquer outro, que ele não se encontra sozinho. E é justamente esse não encontrar-se sozinho que o fortalece e que o permite acreditar e ter esperanças no sucesso da missão, mesmo sabendo que, talvez, jamais retorne. Como se viu, Frodo não pensa em retornar, ele pensa apenas em salvar o Condado, não para ele, mas para os outros. Mais uma das tantas características de uma personalidade de herói.

Frodo é um herói que, como tantas outras personagens de *O senhor dos anéis*, inspira e incentiva muitas pessoas. Ele passa por uma aventura única, diferente de qualquer outra aventura existente. Porém, ao mesmo tempo em que essa aventura é ímpar, ela também se assemelha a tantas outras aventuras existentes. Sendo assim, Frodo e sua aventura constituem uma das milhares de faces que um mesmo herói pode possuir, o herói de mil faces.

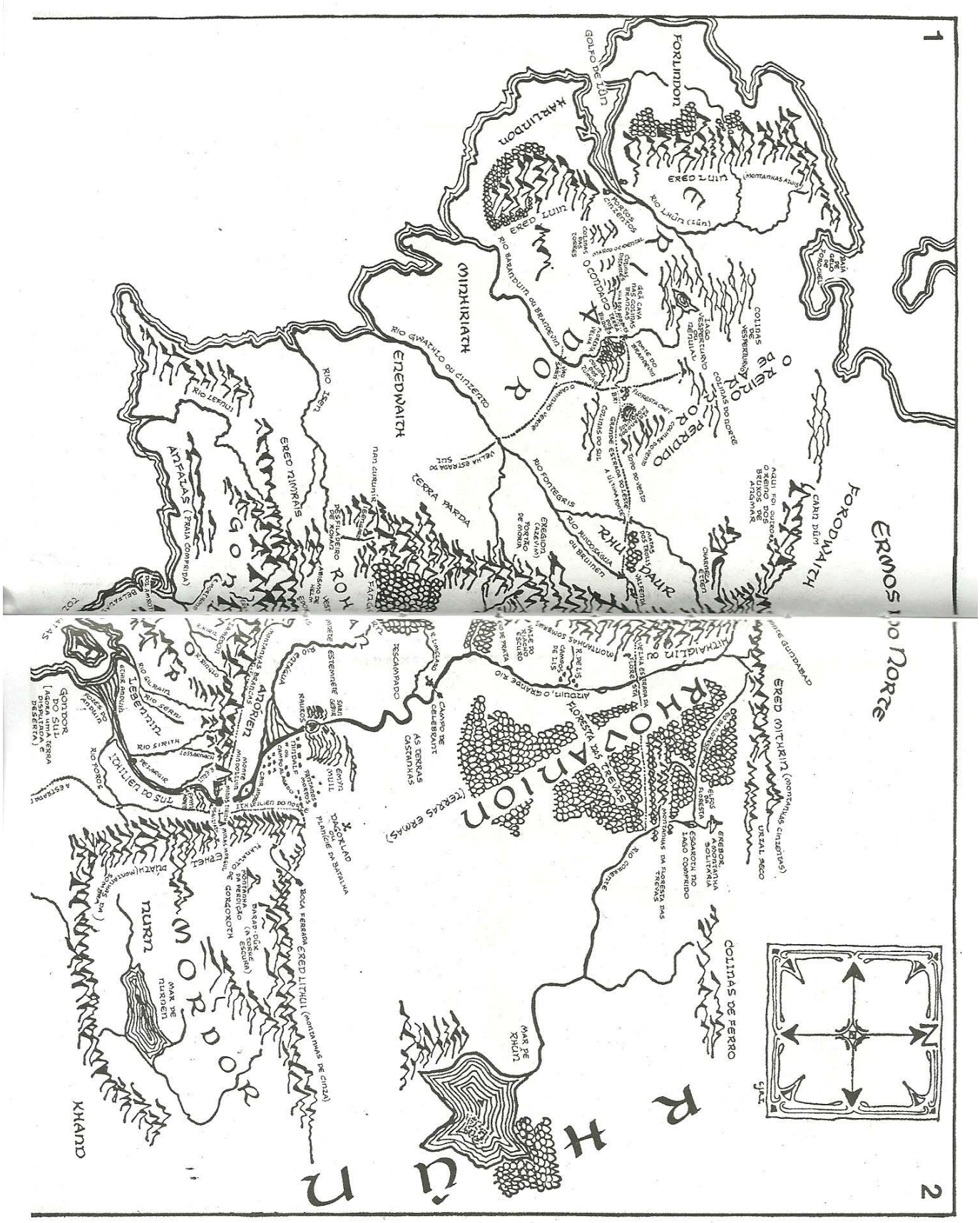
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SOCIEDADE do anel. Diretor: Peter Jackson. Nova Zelândia: New Line Cinema, 2001. DVD.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto.* 2ª ed. Lisboa: Vega, 1983.

TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis*: A sociedade do anel. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. Sobre contos de fadas. In: *Árvore e Folha*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p.3-79.

ANEXO – Mapa da Terra Média, cenário em que se passa a história. Retirado da mesma edição utilizada neste trabalho.